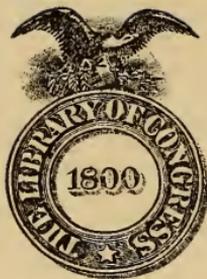


PQ

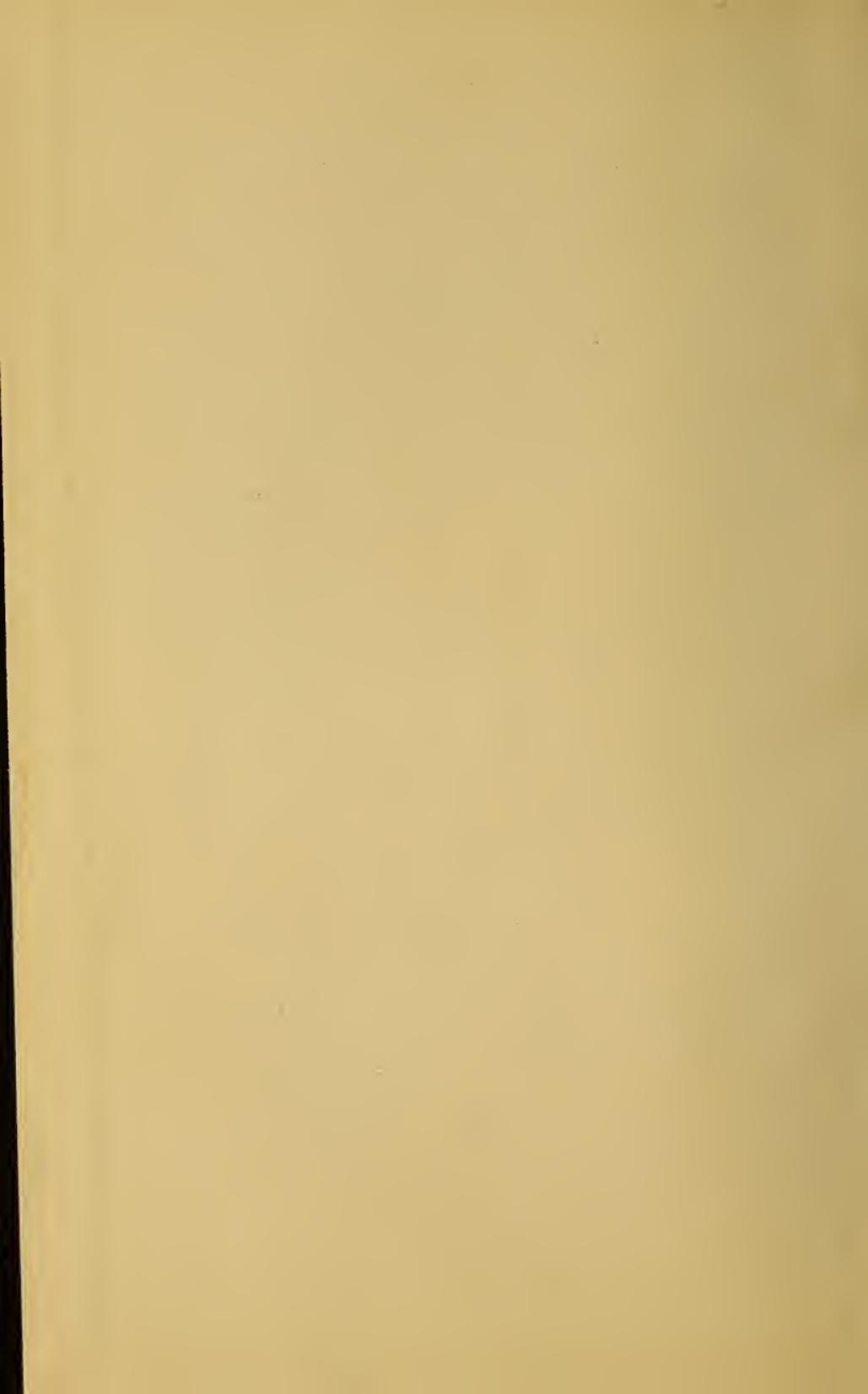
9261

P54M7



Class PQ 9261

Book P54 M7



1/4 - B

A MORGADINHA

1804
4033

DE

VAL-FLOR

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

Al. Pinheiro Chagas.

RIO DE JANEIRO.

LIVRARIA DE A. A DA CRUZ COUTINHO

75 - RUA DE S. JOSE - 75

1870.

Duplicatae quae per...

1 C. Colubus 4 - 7

2 C. Madon... 4 - 6

3 ... caligata 1

4 ... 1

5 T. Corv... 1

6 ... 1

7 ... 4 - 3

8 ... 4 - 17

9 ... 1

10 ... 1

11 ... 1

12 ... 1

13 ... 1

14 ... 1

15 ... 4 - 14

16 ... 5

17 ... 2

18 ... 1

19 ... 1

A MORGADINHA DE VAL-FLOR.

**À venda na livraria de A. A. da Cruz
Coutinho, rua de S. José n. 75.**

Corrêa Vasques — O Sr. Domingos fóra do serio, scena comica.

O diabo no Rio de Janeiro. Ah! como eu sou besta!

Oliveira Vasques — O Gaúcho, scena comica. O Sr. Silveira em calças pardas. O tio Brandão. O mestre Fagundes. A' procura de um pai. Os amores de Cupilo. A pomada cheirosa. O Sr. Só progresso.

Santos Leal — O bandido, scena comica. O estatuario. O usurario. O Sarrabulho. Supplicio e copos. Novissima Castro. O Rocambole Junior, comedia. Uma chicara de chá, comedia. Os mystérios do Alcazar, drama.

Dr. Macedo — A remissão de peccados, comedia. Luxo e vaidade, comedia.

Dias Guimarães — Poder do ouro, drama.

Dr. Pinheiro Guimarães — Historia de uma moça rica, drama
Punição, drama.

Chagas — Judia, drama.

Dr. Castro Lopes — Meu marido está ministro. Um thesouro. O compadre Suzano, comedia. A emancipação das mulheres, comedia. As tres graças, comedia. A educação, comedia.

A negação da familia, drama.

José do Telhado, drama.

Um par de mortes na vida de um par, calemburgo em 1 acto.

Prazeres e dôres, comedia.

Typos da actualidade, etc.

Cynismo, scepticismo e crença, comedia em 2 actos.

Mysterios sociaes, comedia.

Tribulação e ventura, comedia.

Uma troca de retratos, comedia.

Traga-moças, opera comica.

A Ilha das Cobras, na vespera da descoberta do Brazil, desproposito em 1 acto.

A MORGADINHA

DE

VAL-FLOR

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

M. Pinheiro Chagas.

RIO DE JANEIRO.

LIVRARIA DE A. A. DA CRUZ COUTINHO

75—RUA DE S. JOSÉ—75

1870.

PQ 9261
.P54M7

~~~~~  
Typographia—PERSEVERANÇA—rua do Hospicio n. 91.  
~~~~~

387270

'29

MMX Dec. 10/12

PERSONAGENS.

LUIZ FERNANDES, pintor.

LEONARDO FERNANDES, lavrador.

PEDRO PAULO DE FARIA AZEREDO, capitão-mór de milicias.

RODRIGO DE FARIA AZEREDO, capitão de um dos regimentos
de cavallaria da côrte.

FR. JOÃO IGNACIO, frade dominicano.

BERNARDO DOMINGUES, poetastro.

JOSÉ FELIX, boticario.

DIOGO BARRADAS, escudeiro.

D. LEONOR COUTINHO.

D. THEREZA COUTINHO.

MARIQUINHAS.

1.º CAMPONEZ.

2.º DITO.

3.º DITO.

4.º DITO.

1.ª CAMPONEZA.

2.ª DITA.

UM RAPAZITO.

CAMPONEZES E CRIADOS DA CASA DE VAL-FLOR.

A scena passa-se na Beira nos fins do seculo passado.

~~~~~  
Typographia—PERSEVERANÇA—rua do Hospicio n. 91.  
~~~~~

A MORGADINHA DE VAL-FLOR.

ACTO PRIMEIRO.

Casa burgueza de provincia. Sala do pavimento rente do chão. Porta ao fundo que deita para a estrada. Portas lateraes. A' esquerda, ao fundo, janella praticavel. O acto começa ao descair da tarde, e a lua vae esmorecendo. Mobilia dos fins do seculo passado. A' direita mesa larga.

SCENA I.

LUIZ, MARIQUINHAS, LEONARDO E JOSÉ FELIX.

Ao levantar do panno, Luiz, proximo da janella, tendo diante de si um cavallete, desenha o retrato de Mariquinhas. Sentada defronte d'elle, conserva-se Mariquinhas immovel na posição de modelo. Do outro lado da scena, mas mais proximo do proscenio, jogam os dous velhos o gamão com o taboleiro sobre os joelhos; José Felix tem as costas voltadas para o grupo dos dous moços; Leonardo fica-lhes frenteiro.

LUIZ, desenhando.

Volta mais a cabeça para o lado da janella. Não é para se esconder na sombra o teu rosto gentil.

MARIQUINHAS, confusa e baixando os olhos.

Mas, meu primo...

LUIZ.

O que é?

MARIQUINHAS, balbuciando.

Descançemos, sim?

LUIZ.

Fatiguei-te?

MARIQUINHAS, tímida e corada.

Estou abraçando... Olhe, veja como o sol me affogueou.

LUIZ, percebendo e sorrindo-se.

O sol da innocencia, Mariquinhas. (*Vai arrumando o cavallete e a cadeira, e fallando ao mesmo tempo*). Não córam tão facilmente as orgulhosas fidalgas, que aceitam, como tributo que lhes é devido, a homenagem dos cortezãos. Não admira; é azul o sangue que lhes corre nas veias, não lhes póde por conseguinte avermelhar as faces.

MARIQUINHAS, que foi buscar um trabalho de costura, e veio sentar-se a cozer junto da janella.

Lá que as fidalgas são diferentes de nós, isso é que não tem duvida. (*Com gravidade infantil*). Deus bem soube o que fez quando ordeñou as castas.

LUIZ, ironico.

Ah! foi providencial. Aposto que tu não sabias que, se a plebe feminina sahio da costella de Adão, sahiram do pescoço as fidalgas, e logo de cabello empoad e de lacaio a traz? (*Mariquinhas encolhe os hombros, sorrindo. Luiz continúa conversando encostado á janella*).

JOSÉ FELIX, jogando e com um risinho de triumpho.

Az e tres casa fez!

LRONARDO, exasperado, mas comprimindo a ira.

Venha o anexim, venha! Já cá fazia falta! No meu tempo quem ganhava, ganhava...

JOSÉ FELIX, olhando para elle com espanto.

Ainda hoje é o mesmo.

LEONARDO.

Não, senhor. Hoje é muito diferente. Hoje quem ganha perde...

JOSÉ FELIX, estupefacto.

Hein?

LEONARDO.

Perde o juízo, como você, e não diz senão asneiras.

JOSÉ FELIX.

Seja pelo amor de Deus! (*Leonardo continha sempre a resmungar*).

MARIQUINHAS.

Não, primo, não me convence que a Morgadinha de Val-flor seja uma mulher como as outras. As fraquezas do nosso sexo não as conhece ou vence-as. Quantas vezes percorre a cavallo as campinas, sósinha, sempre a galope, voltando ao palacio depois de noute fechada, tão destemida como se a escoltasse um regimento!

LUIZ.

E os parentes?

MARIQUINHAS.

O que lhes hão-de fazer? A mãe é que a podia cohibir; mas, apesar de ser uma fidalga tão severa, não resiste, segundo se diz, ao mais leve capricho da filha estremecida. Não admira, é filha unica.

LUIZ.

Mais uma razão para a educar convenientemente. Oh! mas as fidalgas tem outras cousas em que pensar! Que lhes importam os sagrados deveres das mães? Os filhos, que Deus lhes envia, são por ellas entregues desde o berço, aos cuidados mercenarios das amas. Recusam-lhes o alimento physico, assim como depois lhes negam o alimento moral. Rousseau, grande Rousseau, foi ainda para surdos que tu pré-gaste no *Emílio* as tuas sublimes

doutrinas! Vae creada á lei da natureza a tal Morgadinha. Esperem-lhe as consequencias. E' orgulhosa, aposto?

MARIQUINHAS.

Como ninguem. E' verdade que ao mesmo tempo é caritativa e meiga, mas transpira em todas as suas palavras, quando falla connosco, uma tal sobrançeria, que bem mostra conhecer a distancia que a separa de nós.

LUIZ.

Brr... Que amavel creaturinha com que eu me vou pôr em contacto!

MARIQUINHAS, olhando para o Céu.

Como escureceu depressa! que cerração tão negra!

LUIZ, voltando-se tambem a observar o horisonte.

A noute annuncia-se mal (*para Mariquinhas, continuando*). E não tem nunca mãos encontros a tal Morgadinha, nos seus passeios solitarios?

MARIQUINHAS, dobrando a costura, e indo guardal-a.

Mãos encontros! Ladrões?

LUIZ.

Ou namorados, que é peor.

MARIQUINHAS.

A Morgadinha?... Está para casar.

LUIZ.

Feliz marido!... Passa metade da vida a correr atraz da mulher por montes e valles... E os galanteadores do sitio deixam-na em paz nas suas cavalgadas... (*com intenção ironica*) pelos bosques?

MARIQUINHAS, que depois de arrumar a costura, desceu a scena com Luiz, e a intervallos vai preparando a mesa á direita para o trabalho do serão.

Sim que ella consentia-lhes atrevimentos! Eu até pasmo

da altiva serenidade com que a Morgadinha responde aos que se querem fazer confiados. Olhe; o filho do Sr. Juiz de Fóra é um sujeito de quem eu chego a ter medo. Anda sempre atraz de mim a dizer-me que sou uma das tres Graças, que sou Venus, e mais isto, e mais aquillo; eu envergonho-me de o encontrar. Pois o tal Sr. Fileno...

LUIZ, espantado.

O filho do Juiz de Fóra chama-se Fileno?!

MARIQUINHAS.

Nada; o nome d'elle é Felizardo; mas não quer que lhe chamem senão Fileno. Diz que é o seu nome de pastor. Eu não sei que elle seja pastor; nunca o vi guardar cabras nem ovelhas... Como anda sempre a fallar nos cysnes do Parnaso, já me lembrou se elle no tal Parnaso guardaria cysnes.

LUIZ, com gravidade comica.

Eu te digo! Elle no Parnaso naturalmente o que guarda são perús.

MARIQUINHAS, sem perceber.

Ah! (*continuando*) Pois o filho do Sr. Juiz de Fóra encontrou uma vez a Morgadinha a cavallo. Approximou-se d'ella e disse-lhe com toda a galanteria... deixe vêr se me lembra... « Quanto eu desejaria montar no Pégaso para cantar dignamente Diana caçadora! » Sabe o que ella lhe respondeu?

LUIZ.

O que foi?

MARIQUINHAS.

« Havia de ser difficil, porque tinha de montar em si mesmo. » E partio a galope.

LUIZ.

Ah! como eu desejava ser por cinco minutos filho do Juiz de Fóra!

MARIQUINHAS.

Para que?

LUIZ.

Para corrigir as insolencias da fidalguinha... Raça diabolica!

MARIQUINHAS.

Então, primo, os nobres sempre são nobres, e a filha de uma pessoa como o Sr. Morgado ha-de exigir que lhe tenham mais respeito do que á filha do pobre proprietario de duas leiras de terra, que foi tanto tempo caseiro da quinta de Val-flor.

LUIZ, voltando-se despeitado.

O que! esse peralta do filho do Juiz de Fôra não te respeita?

MARIQUINHAS, socegando-o.

Ah! elle nunca me disse más palavras; persegue-me com finezas que me enfastiam.

LUIZ, approximando-se meigamente.

E tu, que não és fidalga, toda te affogas de pejo, quando algum homem te diz de manso: « És linda. »

MARIQUINHAS, confusa.

Meu primo!

LUIZ.

És timida! A timidez é o encanto da mulher, tu sabes lá como eu adoro a sensitiva, só porque retrae as folhas quando mão porfana lhe toca. Não me fascina a rosa, captiva-me a violeta, que, ao descahir da tarde, exhala modestamente a suavissima fragrancia do recatado thuribulo. Olha, sabes porque eu gosto de ti? É porque não te pareces com a Morgadinha.

MARIQUINHAS, sorrindo.

Tem lá comparação.

LUIZ.

Nem eu te comparo com ella. Aposto que tu não montas a cavallo ?

MARIQUINHAS, sorrindo.

Eu!

LUIZ.

Por isso te amo.

MARIQUINHAS.

Ahi está o primo a zombar de mim!

LUIZ.

Aposto que tens medo da trovoada que além se prepara no Céu ?

MARIQUINHAS, assustada.

Temos trovoada ?

LUIZ.

Tens medo ?

MARIQUINHAS, gravemente.

A trovoada, Luiz, é um signal da ira de Deus !

LUIZ.

Tens medo ? És um anjo.

MARIQUINHAS.

Por tão pouco !

LUIZ.

Não disseste que a trovoada era um signal da ira de Deus ? Curvam-se diante d'ella os anjos, só os demonios a desafiam.

MARIQUINHAS, sorrindo.

Mas os demonios são feios, e a Morgadinha...

LUIZ, impaciente.

É linda, já me disseste. Conheço essas altivas bellezas. Vi em França Maria Antonieta. Era o typo supremo. Uma formosura de Juno. Ao lado d'ellas procurasse o pavão. E ao teu lado sabes o que se encontra? A pomba.

LEONARDO, exasperado porque não pôde mover
nem uma tavola.

O' sô José Felix, você lá na sua botica, em vez de ter S. Miguel, tem mas é o diabo!

JOSÉ FELIX.

Vade retro!

LEONARDO.

E você vendeu-lhe a sua alma, só para elle me impingir sempre estas malditas scenas.

JOSÉ FELIX.

Não gosto d'essas brincadeiras.

LEONARDO.

E eu ainda menos. Quem eu lhe queria á perna, sô José Felix, era o Marquez de Pombal.

JOSÉ FELIX.

Credo!

LEONARDO.

Mettia-o no forte da Junqueira, que elle não consentia privilegios. Ora eu tenho tanto direito de mexer as tavolas como você.

JOSÉ FELIX, sem lhe dar attenção, e fazendo
jogo com triumphante vehemencia.

Cinco... trez... aqui... aqui... Gamão, sô Leonardo!

LEONARDO, exasperado.

leve-o a bréca. (*Dá um murro no taboleiro, fazendo saltar umas poucas de tavolas, uma das quaes vae cair aos pés de Luiz.*)

LUIZ, pegando na tavola e mostrando-a.

Una bala perdida! Violou-se a neutralidade.

JOSÉ FELIX, Os dous velhos levantam-se.

Ai que homem! que parceiro!

LEONARDO, para Luiz.

Este boticario é um jacobino.

JOSÉ FELIX, escandalisado.

Então! então!

LEONARDO.

E' feliz como elles, que tem o diabo da sua banda, e por isso dão sovas nos defensores do altar.

JOSÉ FELIX.

Sim que os Austriacos não lhes pregaram agora umas esfregas boas! (*Mariquinhas sahio momentos antes e volta com um candieiro de tres bicos, põe-n'o em cima da meza da direita, fecha a janella, e senta-se a trabalhar na costura; Luiz senta-se junto d'ella conversando em voz baixa*).

LEONARDO, sentencioso.

Não lh'a davam se não fossem ajudados pelo reino de Berlim.

JOSÉ FELIX.

Berlim é uma cidade.

LEONARDO.

Você cuida que eu sou tolo?... A Gazeta não diz se não governo d'Inglaterra... governo de Berlim... Se é reino a Inglaterra, tambem Berlim é reino.

JOSÉ FELIX, encolhendo os hombros e ironico.

Então faça favor de me dizer qual é a capital d'esse reino?

LEONARDO, como quem procura.

A capital... a capital... homem, tenho o nome debaixo da lingua... (*chamando*) O' Luiz!

LUIZ.

Meu tio?

LEONARDO.

Anda cá... (*Luiz aproxima-se; Leonardo senta-se n'uma cadeira e José Felix n'outra á sua esquerda*) Senta-te ahi (*Luiz senta-se á direita de seu tio. Depois de breve pausa com modo grave e imponente*). Qual é a capital de Berlim? (*José Felix encolhe os hombros, com ar de commiseração.*)

LUIZ, estupefacto.

A capital de Berlim!!

LEONARDO.

Sim, homem, então! Tinha que vêr, se depois de teres andado as sete partidas do mundo, não sabias qual era a capital de Berlim!

LUIZ, depois de olhar para um e para outro, tomando afinal uma resolução.

A capital de Berlim... é a Prussia. (*José Felix de espantado, dá um pulo na cadeira*).

LEONARDO, gravemente.

Tal qual! Era o nome que eu tinha debaixo da lingua.

JOSÉ FELIX.

Dê licença... dê licença, que eu faça uma pergunta.

LEONARDO, desdenhosamente.

Quantas quizer, sô José Felix.

JOSÉ FELIX, ironico.

O Sr. Luiz hade saber-me dizer talvez, qual é a capital da Prussia.

LEONARDO, encolhendo os hombros.

Asneira no caso.

LUIZ, com fingida ingenuidade.

A capital da Prussia... é Berlim.

JOSÉ FELIX, approvando com a cabeça.

Ah

LEONARDO, pasmado e coçando a nuca.

O' Luiz, sempre te quero confessar que isso embarulhou-me um pouco as idéas.

LUIZ, com a maior seriedade.

Nada mais simples, contudo... Quem é o irmão de meu tio? E' meu pai. Quem é o irmão de meu pai? E' meu tio. A capital da Prussia, é Berlim, a capital de Berlim é a Prussia. Ahi está, (*Volta rindo silenciosamente para o lado de Mariquinhas; os dous velhos ficam por um momento embatucados com o raciocinio*).

LEONARDO, depois de um instante de silencio.

O que é ter viajado pelos reinos estrangeiros!...

JOSÉ FELIX, mal convencido.

Hum! (*Os dous velhos continuam n'uma conversação animada*).

MARIQUINHAS, olhando fitamente para Luiz.

Eu nada entendo d'estas cousas, mas parece-me que o primo esteve a zombar de meu pai.

LUIZ, sorrindo-se e approximando-se d'ella.

E, se assim fosse, tu zangavas-te comigo?

MARIQUINHAS.

Não tinha direito para isso; mas se o primo tivesse por mim algum sentimento affectuoso...

LUIZ, insinuante e pegando-lhe na mão.

Não o duvides. — Parti d'aqui bem novo, ainda criança. Percorri a Europa; captivaram-me a imaginação os esplendores da arte, captivaram-me o espirito essas novas doutrinas que hão de regenerar a humanidade; mas o coração ficou sempre mudo, ou enlevou-se em devaneios que a realidade despedaçava. — Quando voltei cansado de sonhar, porque o sonho fatiga, senti não sei que estranha commoção ao vêr alvejar entre o arvodo o campanario humilde tão conhecido da minha infancia. Depois vi-te aqui, na velha casa que eu conhecia tanto, illuminando com o teu sorriso a sombra dos vastos aposentos, ligeira, serena, derramando em torno se ti como que um perfume de modestia. Eras a incarnação d'esse vago encanto que me prendera, apenas vira de longe a minha aldeia natal; eras a violeta do lar, o anjo da placidez. A tua doce imagem, afugertando os sonhos tempestuosos, parecia dizer-me: « Ólla onde a ventura estava, e foste procural-a tão longe. » (*Continúa a conversar com Mariquinhas tendo a mão d'ella apertada nas suas; Mariquinhas ouve-o em silencio mas com o olhar inundado de jubilo*).

LEONARDO, continuando a conversação com José Felix.

De fórma que d'aqui a pouco leva a bréca a Turquia.

JOSÉ FELIX.

Se elles julgam a Russia toda occupada com a divisão da Polonia!

LEONARDO, rindo e esfregando as mãos.

Bem se póde dizer: Descuidado como um Turco! (*Luiz que foi approximando o rosto do de Mariquinhas, dá-lhe na testa um beijo sonoro; Leonardo volta-se sobresaltado*). O que foi? Vocês disseram alguma cousa?

LUIZ, que se affastou vivamente, com ingenuidade.

Não meu tio! (*Mariquinhas toda córada, cala-se e tem os olhos baixos, fitos na costura*).

LEONARDO, olhando em torno de si para todos os lados.

Tinha-me parecido... (*Para José Felix*) Você não ouviu nada?

JOSÉ FELIX.

Ouvi... assim a modo d'um espirro.

LEONARDO.

Ah! foi um espirro!... Então... *Domínus tecum*. (*Olha desconfiado para Mariquinhas*).

MARIQUINHAS, confusa e balbuciante, para disfarçar o enleio.

São horas de ceiar, meu pai... Quer que vá tratar da ceia?

LEONARDO, ainda desconfiado.

Pois sim, vai (*Mariquinhas sae correndo. Durante o resto da scena ouve-se o vento zunir com violencia*).

JOSÉ FELIX, indo pegar no chapéo e na bengala,

E são horas tambem de me ir chegando ao pouso.

LEONARDO.

O' parceiro, tome cautella. A noute não está nada boa, veja se lhe acontece alguma ahi nos barrancos. Quer que eu o vá acompanhar?

LUIZ.

Eu vou, meu tio, eu vou.

JOSÉ FELIZ, que foi espreitar a porta.

Está escuro como breu... Mas d'aqui á botica são dous passos.

LEONARDO.

Deixe ir o rapaz, que eu não quero perder o parceiro, e com o parceiro a desforra d'amanhã...

JOSÉ FELIX, com um risinho satisfeito.

A desforra! nós veremos... Até amanhã, sô Leonardo.

LEONARDO.

Adeus! e o olhe que se continúo a apanhar uma saraivada de senas...

JOSÉ FELIX.

O que faz?

LEONARDO.

Denuncio-o á Inquisição. (*Durante o final do dialogo, José Felix fôra-se approximando da porta encostado ao braço de Luiz. Sáem ambos rindo*),.

SCENA II.

LEONARDO só, Passeia meditativo.

Ou eu me engano muito, ou o namorico vae de foz em fóra... Os peraltas do meu tempo não andavam tão depressa... Passeiavam na rua, de chapéo á banda palito na boca, a moça espreitava-os da adufa, apanhavam chuvas e frios, de vez em quando uma sova do pae, e no fim d'alguns annos de campanha, chegavam á falla, casavam, e ali está... Hoje a moda é diferente... «A prima passou bem?—Bem, muito obrigado.» E logo o tio tem de estar áleria, porque senão os primos.. espirram... Hum! (*Senta-se e fica scismando*). Isto de elle estar de portas a dentro... Tenho de os casar... O rapaz não avesa vintem... Foi para Lisboa aos dez annos... Meu irmão que Deus haja, assim que recebeu o seu quinhão da herança do nosso tio do Brasil, quiz dar ao pequeno uma educação de príncipe... Ao menos mettesse-o em Coimbra... Nada; o rapaz quiz ser pintor,

foi pintor... O resto da herança gastou-se nas malditas viagens... para vêr quadros... como se não tivesse em Lisboa os de André Gonçalves que dizem que é obra acieada... Mas lá bom rapaz é elle... e depois pintar monos sempre rende alguma cousa, segundo parece... Quando eu o ajustei para pintar os quadros da capella de Val-flor, o rapaz mandou pedir de Lisboa uma continha calada, e o caso é que a Morgada nem fez observações... Não vae muito mal com elle a rapariga, isso não vae... Ahi o temos. (*Senta-se gravemente n'uma cadeira junto da mesa*).

SCENA III

LEONARDO E MARIQUINHAS.

MARIQUINHAS.

Quando quizer, meu pae... (*Suspende-se e olha em torno de si com espanto*).

LEONARDO.

Procuras teu primo?

MARIQUINHAS.

Sahío ?

LEONARDO.

Não tarda. (*Gravemente*). Chega-te cá (*Mariquinhas aproxima-se timidamente*). Então como vae o teu retrato?

MARIQUINHAS.

Está quasi prompto, meu pae.

LEONARDO, á parte.

O rapaz em tudo é anda mão e fia dedo. (*alto*) E que tal o achas?

MARIQUINHAS.

Muito bom.

LEONARDO.

Não te fallo do retrato, fallo-te do pintor.

MARIQUINHAS, balbuciente.

Ha tres dias apenas que elle cá está.

LEONARDO, indo para se zangar.

Pois d'isso mesmo é que eu pasmo... (*á parte contendo-se*) Não a assustemos. (*alto*) E elle gosta de ti? (*Mariquinhas, cada vez mais confusa, não responde. Leonardo torna-se encolerizado.*) Elle tem-te amor? é o que eu te pergunto.

MARIQUINHAS, com voz que mal se houve.

Não sei, meu pae.

LEONARDO, exasperado.

Então se tu não sabes... (*Contendo-se, á parte.*) E' a innocencia, guemos a innocencia. (*Chamando Mariquinhas que recuára assustada.*) Chega-te aqui, responde sem mentir. . Elle pisou-te?

MARIQUINHAS, olhando para elle espantada.

Se me pisou? Não senhor.

LEONARDO, desapontado,

Máo. Eu, quando comecei o namoro com tua mãe, foi n'uma romaria, dei-lhe uma pisadella que a fiz vêr as estrellas.—Fóra bruto, disse-me ella.—São patadas de amor, respondi eu. Era costume no meu tempo.

MARIQUINHAS, rindo.

Crédo?

LEONARDO.

Não te assustes, ainda ha outros systemas... Dize-me, elle nunca te apertou os dedos?

MARIQUINHAS.

Não senhor.

LEONARDO.

Mão. (*A' parte*) Mas n'este caso o que eu estou a fazer é a dar-lhe uma lição de namoro. (*alto*) E' verdade, elle como te chama.

MARIQUINHAS, espantada.

Mariquinhas.

LEONARDO, como aterrado.

Pois elle não te chama nem Armia nem Marcia?

MARIQUINHAS.

Não senhor.

LEONARDO, desapontado, á parte.

Enganei-me, não tem que vêr (*alto desconfiado*). E o espirro de ainda agora... por acaso elle faz-te declarações pelo nariz?

MARIQUINHAS, baixando os olhos.

Elle não espirrou.

LEONARDO.

Então que fez?

MARIQUINHAS, muito a custo.

Deu-me um beijo.

LEONARDO, levantando-se de um pulo.

Ai que o demonio do rapaz começa pelo fim!... (*irritado*) Deu-te um beijo, anh?

MARIQUINHAS, cada vez mais acanhada.

Sim, meu pae, na testa.

LEONARDO, socegando.

Ah! foi na testa... (*á parte*) Ainda assim o melhor é casal-os. Depois lá se avenham, que o rapaz, se vae sempre começando por onde os outros acabam, é capaz de ter netos ainda antes de ter filhos.

SCENA IV.

OS MESMOS E LUIZ.

LUIZ, entrando pela porta do fundo que fecha
imediatamente.

Temos uma noute d'agua! Parece que estamos em
Dezembro.

LEONARDO, que se foi assentar n'uma cadeira com uns
modos magestosos, em quanto Mariquinhas se affasta
para o fundo da scena, arranjando algumas cousas.

Talvez te fizesse mal sahires. (*com intenção*) Tu andas
constipado?

LUIZ, com espanto.

Eu!

LEONARDO, accentuando a phrase.

Não espirraste ainda agora?

LUIZ, embaraçado.

Ah!

LEONARDO, no mesmo tom.

E sabes onde se curam essas constipações?

LUIZ.

Onde se curam...

LEONARDO, sentenciosamente

É na igreja.

LUIZ.

Ah! (*á parte*) Que pressa!

LEONARDO.

O que respondes?

LUIZ, depois d'uma pausa, olhando para Mariquinhas que está alheia ao dialogo—gravemente.

Que é esse o meu desejo mais querido.

LEONARDO, com certa dignidade.

És um bom rapaz—*(Luiz vai para fallar; interrompendo-o)*. Não fallemos mais n'isso... Tu amanhã vaes para Val-flor, fazes lá o que tens a fazer e depois... conversaremos. *(Levantando-se)* Vens ceiar?

LUIZ, que ficou um pouco pensativo.

Não, meu tio... Se me dá licença, prefiro lêr ainda um pedaço.

LEONARDO, para Luiz.

Sempre a gente perde a vontade de comer... Eu também por lá passei... *(para Mariquinhas)* Vai buscar uma vela. *(Mariquinhas sae e traz uma palmatoria com vela de sebo, que accende no candieiro)*. Ahí te fica luz; não te deites tarde. *(Pega na vela, e diz para Mariquinhas)* Dá as boas noutes a teu primo.

MARIQUINHAS, espantada.

O primo não ceia?

LEONARDO, impaciente.

Não ceia elle, mas ceiamos nós. Vê se te mexes.

MARIQUINHAS; tímida.

Boas noutes, primo.

LUIZ, meio distrahido.

Boas noutes, Mariquinhas.

MARIQUINHAS, á parte.

Que tem elle?

LEONARDO.

Adeus, meu rapaz. *(Vai caminho da porta lateral da*

direita depois volta, e approximando-se gravemente de Luiz, mostra-lhe a vela, e declama com emphase). Isto por ora... é... apenas... uma... vela... de sebo... almejo... pelo momento... em que venha a ser... o facho... do... hymineu. *Saem Leonardo e Mariquinhas*).

SCENA V.

O vento, que durante as scenas anteriores esteve sempre soprando com mais ou menos intensidade, redobra de violencia. Trovoada ao longe, que se torna cada vez mais distincta.

LUIZ, só.

Isto é que se chama um beijo pago á vista — Palavra que não pensava que os meus labios accendessem tão depressa... o facho do hymeneu, como diz o tio Leonardo. (*Suspirando*). E comtudo é esta a ventura, bem o sei, bem o sinto. Em noutes de tempestade, quando o vento zune com violencia, quando ergue a trovoada a sua voz magestosa, é doce vêr em volta de si a esposa meiga, as louras creanças, e, concentrando o espirito nas afeições domesticas, deixar as procellas agitarem lá por fóra a natureza e a sociedade. Acalma-te, coração inquieto. Socega, louca phantasia. (*Passeia agitado*). Apaga-te, chamma esteril da juventude já morta... Insensatos ardores, fascinadoras imagens, dissipai-vos para sempre... (*Deixa-se cair n'uma cadeira, com a cabeça encostada á mão. Pausa. Erguendo a fronte*). Orgulhoso plebeu, que occulto movel te impelle a declamares a prol da igualdade?... Espartano que te deixas seduzir por tudo quanto resplende, por tudo quanto fascina! Quando, obscuro peão, escondido na sombra do perystilo dos theatros italianos, vi-as apeiarem-se das suas carruagens essas mulheres olympicas, envoltas n'uma nuvem resplandecente de rendas e de diamantes, porque seguias tu com ávido olhar esses hombros de neve, essas aéreas sylphides que deixavam atraz de si um rasto de luz e de perfume? Porque voltavas a sumir-te nas trévas cada vez com mais amargura no espirito, e com os labios mais calcinados pelas sedes devoradoras dos vinte annos? Só me consolava a arte, amante sempre juvenil, que entrega á seculos o seio immortal aos que trazem

no coração o ardente culto do bello. (*Pausa. Ouve-se um trovão ; o vento geme lugubrememente : scena pouco illuminada. Em voz mansa*). Filhas da mocidade, fugi ao menos com ella. . Demonios tentadores, um anjo vos repelle... e oh! não venhas mais, não venhas, desejo louco e vago, encher de sonhos o meu dormir inquieto. (*Conserca a cabeça encostada á mão, e fica a mirar distrahido a chamma oscillante do candieiro. Geme o vento com tristeza ; ouve-se a trovoadá mais forte, e batem ao mesmo tempo com violencia á porta do fundo. Luiz ergue a cabeça como se despertasse d'um sonho, e pergunta impaciente*). Quem é ?

LEONOR, fóra.

Abre.

LUIZ, que se levantou. A' parte.

Parece voz de mulher. (*Alto*) Quem é ?

LEONOR, de fóra, com voz imperiosa.

Abre, não ouves? (*Bate á porta com mais violencia*).

LUIZ, irritado e indo abrir a porta.

Que quer dizer esta insolencia ?

SCENA VI.

LUIZ E LEONOR

LUIZ, á parte.

Olá um creangola !

LEONOR, traja de homem; fato elegante de cavalleiro, espadim ao lado, na mão um chicotinho. Vem sacudindo o chapéo onde cahiram algumas gotos de chuva. Com impaciencia, e sem olhar para Luiz.

Tencionavas deixar-me... (*Reparando-se n'elle e interrompendo-se*) Não é o Leonardo !

LUIZ, irritado.

Não senhor, não é o Leonardo... Então por cá, se-

gundo parece, costuma-se tratar o Leonardo com esta sem-ceremonia?... Entra-lhe qualquer pela casa dentro sem se dar ao trabalho de dizer quem é?

LEONOR.

Não costuma elle pelo menos exigir de quem lhe pede hospitalidade que decline primeiro o seu nome e o seu titulo.

LUIZ, cada vez mais irritado com as maneiras desdenhosas do interlocutor, mas comprimindo a irritação.

Conheço as leis da hospitalidade, mas em toda a parte é uso pedil-a com mais delicadeza,

LEONOR, voltando-se para elle de repellão e indignada.

Lições... a mim!

LUIZ, desdenhoso.

Parece-me que ainda está em idade de as receber.

LEONOR

Mas não em disposições de as supportar, entende?

LUIZ, olhando para ella com certa curiosidade.

O caso é divertido... Aqui temos um menino, que, a pretexto de ter medo da chuva, começa por me incomodar, o ainda por cima julga que tenho obrigação de lhe aturar as insolencias. (*Com respeitosa ironia*) Digne-se Vossa... como hei-de tratá-lo?

LEONOR, friamente, sentando-se e recostando-se n'uma cadeira.

Dê-me excellencia.

LUIZ, depois de o mirar com assombro.

Ou alteza, se quizer... Tem-me os seus ares de príncipe disfarçado.

LEONOR, no mesmo tom que acima.

Devo-lhe confessar que me não produz igual impressão.

LUIZ.

Parada e resposta... Nem o cavalheiro de Saint Georges.

LEONOR, espantada de ouvir este nome.

Oh!... Como se chama?

LUIZ, cruzando os braços.

É pasmoso este rapaz! Como elle inverte ingenuamente a ordem natural das cousas. Agora eu que o recebo em casa é que tenho de lhe dizer o meu nome. E, se lh'o não digo, é muito capaz de me pôr na rua.

LEONOR, ironica, e franzindo o sobr'olho.

Que altivez de maneiras! Quem o não diria um soberano!

LUIZ.

Affirma o velho rifão que em sua casa cada qual é rei... Conhece de certo a anecdota de Francisco I e o carvoeiro?

LEONOR, friamente.

Era algum d'elles seu ascendente? Qual, o rei ou o carvoeiro?

LUIZ, com a maior tranquillidade.

O carvoeiro.

LEONOR, como acima.

Não se pôde dizer n'esse caso que seja de clara estirpe.

LUIZ, rindo.

Ah! o carvoeiro é metaphorico. É mais limpa a minha ascendencia. Chamo-me Luiz Fernandes; meu pai era lavrador, meu avô era vaqueiro; meu bisavô rachador de lenha e fundador da dynastia; porque, não lhe escapando nenhuma arvore, na sua qualidade de rachador de lenha, tambem n'elle foi esbarrar a minha arvôre ge-

neologica; o restante dos meus antepassados perde-se na bruma dos tempos ante-historicos.

LEONOR, que o ouviu com indignação reprimida e mordendo os labios.

Chama-se Luiz Fernandes. E' então o sobrinho de Leonardo, o pintor que viajou pela Italia e pela França.

LUIZ.

Exactamente.

LEONOR, desdenhosa.

Devia tel-o adivinhado... Faz gala do plebeismo... São idéas francezas.

LUIZ.

Espere mais alguns annos e tem de lhe chamar européas.

LEONOR, com dolorosa ironia.

Quanto mais cedo melhor. Rasguem os pergaminhos, rasguem a historia, quebrem os élos que ligam o presente ao passado, as gerações que tumultuam na terra ás que hoje dormem no cemiterio, e que assignalaram com gloriosos feitos a sua existencia transitoria!

LUIZ.

Entende o fidalguinho que só a nobreza é que se liga ao passado? Os plebeus nasceram assim á moda de cogumellos, ali por qualquer canto sem se saber donde veio a semente? As gerações populares são talvez plantas sem raizes que boiam á tona d'agua no oceano dos tempos, e só os bisavós dos nobres é que foram filhos de alguém!

LEONOR, desdenhosa.

Ah! não. Bem sei que na sombra do passado sempre se agitou a multidão confusa e anonyma, que vegetou, viveu, passou, não deixando de si memoria; mas deixando prole. E entretanto, Sr. Luiz Fernandes, no primeiro plano do quadro, as gerações da nobreza desenrolavam-se, resplandecentes sempre, á luz do sol da historia.

LUIZ.

Eu lhe digo: o sol da historia tem os seus perigos; é implacavel. Se illumina os grandes feitos, tambem põe em relevo as máculas; e parece-me que a fidalguia dispensaria ás vezes tanta luz.

LEONOR, levantando-se de um impeto.

Não a teme a fidalguia portugueza. Os seus pergaminhos foram escriptos com o sangue das batalhas, os seus fastos são os fastos gloriosos da patria. Quer lêr a nossa arvore genealogica? Não a procure no fundo dos archivros, leia-a na espuma das vagas sulcadas pelos nossos descobridores, leia-a escripta com a ponta das espadas na face das mesquitas mahometanas e dos templos do Indostão, leia-a em todas as estrophes da epopéa que teve por cantor Camões. Não é vão orgulho este que eu sinto. Se me ufano do meu nome é porque o ouço resoar sempre entre clamores do triumpho nas rendidas muralhas das praças do Oriente; se me ufano dos meus antepassados é porque os vejo resplandecerem como os astros d'essa constellação portugueza, que, ainda hoje, depois de sumida no occaso, illumina a historia e o mundo. (*Suspende-se um instante como fatigada da sua exaltação. Com leve ironia*) Que quer? glorio-me de que dêse principio á nossa casa Soeiro Coutinho, um dos cavalleiros de D. João I, um dos heróes d'Aljubarrota. Quem deu principio á sua?

LUIZ, friamente, mas accentuando cada palavra.

O desconhecido peão que expulsou Soeiro Coutinho do alcaçar onde o fidalgo traidor hasteára a bandeira de Castella, e lhe ensinou, com alguma violencia, onde era o acampamento dos defensores da patria.

LEONOR, no auge da colera, levando a mão ao espadim.

Senhor!

LUIZ, tranquillamente.

Não se zangue; só lhe quiz mostrar que não se invoca impunemente o sol da historia, e que a fidalguia portugueza tem tantas culpas como a franceza, que as está agora expiando amargamente.

LEONOR.

E, como a franceza, saberia resgatal-as derramando heroicamente o sangue nos cadafalsos.

LUIZ, exaltado e levantando a voz.

Lá vem os cadafalsos! os cadafalsos são as represalias sanguinolentas de quatorze seculos de oppressão.

LEONOR.

Pagam os filhos os crimes dos pais?

LUIZ.

E' uma guerra d'exterminio. O vencedor mata para não ser morto.

LEONOR, levantando a voz.

Mata as mulheres tambem? O sangue de Maria Antonieta era necessario á republica?

LUIZ.

Maria Antonieta pagou cruelmente os erros de sua leviandade.

LEONOR.

Oh! não insulte a martyr.

LUIZ.

Não a insulto. Mas quem despreza as leis do decoro expõe-se a todas as accusações.

LEONOR.

Uma rainha!

LUIZ, exaltadissimo.

Uma rainha, sim senhor! Lá vem o preconceito. As mulheres de sangue azul entendem que podem calcar aos pés as noções mais elementares da moral. Provavelmente é essa tambem a theoria da Morgadinha de Val-flor.

LEONOR, voltando a cabeça com espanto.
O que diz da Morgadinha ?

LUIZ.

Digo que a Morgadinha de Val-flor, com os seus hábitos desdenhosos, o seu desprezo do recato, se fosse plebéa, já seria ha muito o ludibrio da provincia.

LEONOR, como suffocada.

Conhece-a ?

LUIZ.

Nunca a vi, e desejaria não ter nunca de a ver.

LEONOR.

Porque vae então ao palacio ?

LUIZ.

Porque tenho palavra de... pintor.

LEONOR.

E sem a conhecer, insulta-a ?

LUIZ.

Prophetiso apenas. E' talvez sua parenta ? melhor. Digo que a Morgadinha de Val-flor, sem educação, entregue aos seus proprios instinctos, sem freio algum moral...

LEONOR.

Nem se quer o da religião ?

LUIZ.

A religião é a cadeia das superstições com que se escravizam os povos, e para os grandes é muitas vezes a protectora... da leviandade.

LEONOR, quasi a chorar, mas dominando-se com esforços violentos.

É então a leviandade um crime ?

LUIZ.

Não, mas pôde ser a vergonha. E essa leviana Morgadinha, que passeia á noute pelos bosques, ha-de acordar um dia estygmatisada por todos os que se prezam de homens de bem.

LEONOR, que tem a mão encrespada nas costas d'uma cadeira, arrojando-a de si com impeto e avançando para Luiz com um gesto soberbo de indignação.

Ah! é muita insolencia.

SCENA VII.

OS MESMOS E LEONARDO.

LEONARDO, apparece á porta lateral da direita, de chambre, barrete de dormir, candieiro de tres bicos na mão.

Que diabo de barulho é este?

LEONOR, que passou, por diante de Luiz, para o lado esquerdo da scena, limpando com o lenço os labios, seccos de colera, com voz que procura, sem o conseguir, tornar zombeteira, e em que se sente toda a agitação da scena anterior.

Olha o Leonardo como vem bom!

LEONARDO, estupefacto.

A Sra. Morgadinha... assim vestida!

LUIZ, assombrado.

O que?!

LEONARDO, avançando para a Morgadinha, com o ar de quem tem as idéas muito embrulhadas.

Mas então a senhora... Morgadinha... já não é mulher?

LEONOR, sorrindo.

Creio que ainda sou... O habito não faz o monge.

LUIZ, para Leonardo.

É a Morgadinha?

LEONARDO.

No meu tempo quem se vestia assim costumava ser o Morgadinho; mas agora está tudo mudado.

LUIZ, dirigindo-se á Morgadinha, com o mais profundo respeito, e com immenso embaraço.

Minha senhora... acredite... que... se eu soubesse a quem fallava...

LEONOR, quasi a chorar, com séria dignidade.

Quero crer que seria menos... rude.

LUIZ.

Não ligou de certo ás minhas palavras...

LEONOR.

Oh! não se desculpe. *(Passa por diante d'elle, fazendo-lhe com a mão um gesto para que não prosiga. Luiz denuncia no rosto e nas maneiras o despeito d'um homem collocado em falsa posição).*

LEONARDO, que esteve matutando, e hesita em fazer a observação que sempre faz.

E então a Sra. Morgadinha está ha muito tempo com meu sobrinho?

LEONOR, distrahida.

Desde que chove.

LEONARDO, exaltando-se.

Podia ter-me chamado... que não é bonito...

LEONOR, olhando para elle por cima dos hombros com suprema sobranceria.

Hem?

LEONARDO, acalmando-se de subito.

Nada, nada, (*á parte*) É verdade que eu não me lembrava que *ella* é homem...

SCENA VIII.

OS MESMOS E MARIQUINHAS.

MARIQUINHAS, apparecendo á porta lateral da direita, a um tempo sobresaltada e tímida.

Sucedeu alguma cousa?

LEONARDO, correndo á porta, e não a deixando entrar.

Não entres! (*á parte*) Salvemos a innocencia.

MARIQUINHAS, resistindo.

Mas eu senti barulho.

LEONARDO, insistindo em a não deixar entrar.

São conversas cá entre homens. (*á parte*) Poupe-mos-lhe o indecoroso espectáculo de uma mulher... de calções.

MARIQUINHAS, resistindo sempre e com uma leve inflexão de ciúme.

Eu ouvi a voz da Sra. Morgadinha.

LEONARDO.

Era eu que estava a fallar... constipado.

LEONOR.

Deixa entrar a pequena, Leonardo.

LEONARDO, resignando-se, e levantando as mãos ao céu; á parte.

O' Portugal velho, onde estão os teus costumes?

MARIQUINHAS, entrando; com ingenua admiração.

Olha! a Sra. Morgadinha vestida de homem! como o fato lhe fica bem! como está bonita!

LEONOR, que já olvidou a gitação passada.

Achas-me a teu gosto? Querias-me para namorado?

MARIQUINHAS, confusa.

Minha senhora...

LEONOR, cingindo-a pela cintura.

E eu que te namorava... e se te namorasse, não sabes o que eu fazia... furtava-te um beijo... assim (*Dá-lhe um beijo*).

LEONARDO, puchando-lhe pelo facto.

Então, então, que é lá isso?

LEONOR, voltando-se.

Que tens tu?

LEONARDO, cahindo em si. Á parte.

Adeus! lá me esquecia que *elle* era mulher. (*Alto e irritado*) Mas co' a bréca... no meu tempo...

LEONOR.

O que succedia no teu tempo?

LEONARDO, ainda irritado.

Sabia uma pessoa ao menos... a que sexo pertencia. (*Ouve-se tropear de cavallos, logo em seguida batem á porta. Impaciente*) Quem é?

DIOGO, fóra.

O' sô Leonardo, vio a Sra. Morgadinha?

LEONARDO, indo abrir a porta.

Está cá em casa.

SCENA IX.

OS MESMOS, DIOGO BARRADAS, E DOUS LACAIOS de libré com archotes.

DIOGO, impertigado, e pausado nas suas fallas; trajo de escudeiro de boa casa, habito de Christo ao peito como tinham muitos escudeiros das familias nobres d'essa época. Para Leonor.

Oh! minha senhora, que immenso cuidado nos deu! Deixámos a Sra. Morgada lavada em lagrimas; partiram criados em todas as direcções...

LEONOR, altiva, interrompendo-o.

Porque foi tanto alvoroço? Acaso me estranharam a demora! Queriam que me expozesse ao tempo?

DIOGO.

Oh! minha senhora; foi o cavallo que appareceu lá no palacio, correndo á desfilada. Receiámos alguma desgraça.

LEONOR, sorrindo satisfeita.

Logo vi que o Sultão não era animal que se perdesse. Teve um momento de desvario, mas depressa lhe voltou a idéa do dever. Bom Sultão!

DIOGO.

Mas o que foi?

LEONOR, occupa isolada o meio da scena.

O que foi? Nem eu sei. Voltava para casa, e deixava ir o cavallo a passo ao longo do Mondego. Corriam no Céu nuvens pesadas que o occidente em fogo abrazava, illuminando-as. (*Vea-se abstrahindo pouco a pouco e alheando-se das pessoas que a rodeiam*). Apoderava-se de mim o torpôr que produz sempre o ar abafadiço, quando a trovoadá está proxima. Apeei-me para luctar, pelo movimento, contra essa incommoda oppressão. Caminhava assim por baixo da copa das arvores, onde se

escondiam os passarinhos mudos, quando um relampago illuminou as campinas, e um trovão formidavel estalou nas alturas. Sultão assustado partio á desfilada. Deixei-o ir. Inundava-me uma tristeza immensa, tristeza vaga, sem motivo, que tantas vezes me salteia, que me punge e me delicia. D'onde ella nasce não sei, mas ao chegar a noute, pesada e escura, corriam-me pelas faces as lagrimas em fio. Quando despertei do sonho, vinha já a chover, pedia asylo. Oh! devaneios da noute, porque sois vós a um tempo consoladores e amargos? (*Pára, e olhando em torno de si, vê todos attentos e pasmados, Luiz pensativo, Leonardo, como que attrahido pela melodia da voz, foi-se approximando da Morgadinha inclinando para ella o ouvido. Leonor, sem mndar de posição, estende a penas o braço, e puxa-lhe uma orelha*). Olha o catavento que te fica de fóra!

LEONARDO, sobresaltado e indignado.

Ai! ai!... Catavento... (*vae para continuar, mas suspende-se e termina á parte*). Catavento é ella.

LEONOR, que vio Mariquinhas aproximar-se de Luiz e fallar-lhe em voz baixa, com ternura.

Leonardo!

LEONARDO, approximando-se de máo humor.

Minha senhora!

LEONOR.

Tens por cá pombinhos?

LEONARDO, espantado.

Pombinhos?

LEONOR, designando-lhe Luiz e Mariquinhas.

Não os ouves arrulhar?

LEONARDO, irritado.

Anda para aqui Mariquinhas (*Mariquinhas aproxima-se de seu pae espantada e um pouco annuada. Leonardo fal-a passar para traz de si*).

LEONOR, com um gesto de comica solemnidade.

Virtuoso pae! *(para o escudeiro)* Vamo-nos embora. *(O escudeiro dá-lhe uma capa, que trouxe de prevenção, Leonor põe-n'a aos hombros, depois de enterrar o chapéo na cabeça, péga no chicotinho, e vae direita a Luiz. O clarão dos archotes bate-lhe de chapa no rosto. Luiz recua como que deslumbrado pela sua formosura).* Senhor democrata, tornar-nos-hemos a vêr no palacio; saberá então ao certo quem é a Morgadinha de Val-flor. *Traça a capa com um gesto elegante, e dirige-se á porta. Ao passar junto de Leonardo, que vae a tirar o barrete da cabeça, deita-lh'o ao chão com a ponta do chicote. Sae seguida pelo escudeiro e pelos lacaios).*

LEONARDO, que apanhou o barrete com um risinho amarello, apenas a Morgadinha sae, arremete para a porta, dizendo a Luiz.

Quem é? E' um demonio.

LUIZ, pensativo do outro lado da scena. A' parte.
Ou um anjo. Quem sabe? *(Cae o panno).*

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

No palacio de Valfior. Camarim mobiliado á Luiz XV. Porta ao fundo, portas lateraes. A' esquerda para cima da porta lateral um cravo. Ao fundo á esquerda uma vasta meza, onde Luiz trabalha aosubir o panno. A' direita um espelho alto.

SCENA I.

LUIZ (só, sentado á meza da esquerda com um grosso volume diante de si, de que está tirando apontamentos. Depois de subir o panno, escreve ainda alguns instantes, afinal arroja a penna com violencia e levanta-se).

Ha apenas um mez que aqui estou, já me parece que decorreu um seculo! Porque me encarreguei eu d'este trabalho?... Oh! a independencia é o privilegio dos ricos! (*Passa meditativo*). Que estranha posição a minha... Ha n'este mundo um amor que me era mais do que todos os outros defeso, que eu tremo de confessar a mim mesmo, e é esse amor que me devora... Quero reagir com o meu orgulho de plebeu contra a orgulhosa fidalga, que só procura insultar-me, e cada vez me sinto mais escravo d'essa paixão, contra a qual o dever, a consciencia, tudo, tudo, conspira... (*Parando junto da meza. Com violencia*). Ah! mas da louca chamma que me consome não lhe hade transparecer nem uma scintilla, ainda que tenha de me ficar em cinzas o coração! (*Deixa-se cair sentado na cadeira, com a cabeça encostada á mão, e percorre o livro com olhar distraído*).

SCENA II.

LUIZ E LEONOR, que vem magnificamente vestida como n'um dia de festa.

LEONOR, entre-abrindo a porta da esquerda, percorre o camarim com os olhos, e vendo Luiz.

Ah! (*Luiz levanta-se e comprimenta-a.* Não está por cá minha mãe?

LUIZ, durante a scena todo respeitoso, mas digno e frio.

Não, minha senhora. Ainda hoje não tive a honra de a ver.

LEONOR, durante a scena toda sacudida e imperiosa. Entra, e cortejando levemente Luiz, vai ao espelho compôr alguma cousa do fato e do penteado. Sem voltar a cabeça.

O que faz aqui?

LUIZ.

Como se anda preparando para a serenata d'esta noute a sala da livraria, trabalho n'este camarim por lhe ficar contiguo.

LEONOR, sempre sem voltar a cabeça.

Que livro está lendo?

LUIZ.

O *Flos sanctorum*.

LEONOR, voltando a cabeça com esqanto.

O...?!

LUIZ.

Flos sanctorum.

LEONOR, ironicamente.

Para se converter?

LUIZ.

Para pintar quadros religiosos, devo consultar pelo menos as vidas e as lendas dos santos.

LEONOR, acabando de compôr a ultima préga do vestido.

Muito louvavel. (*Descendo á scena, com modo sêcco e imperioso, mas como se dissesse uma cousa naturalissima*).
Vá saber onde está minha mãe.

LUIZ, que tambem desceu a scena, friamente e como quem está resignado a todos os insultos.

Peço licença para notar a V. Ex. que eu não tenho a honra de ser criado d'esta casa.

LEONOR, olhando para elle com altivo espanto.

Recusa obedecer ás minhas ordens? Para que lhe pagamos nós?

LUIZ.

Para pintar...

LEONOR, interrompendo-o.

Tire n'esse caso o meu retrato.

LUIZ, com um sorriso, e um gesto cortez.

Perdão, minha senhora, para pintar os quadros da capella.

LEONOR.

Não quer então retratar-me?

LUIZ.

Não, minha senhora.

LEONOR.

Mas retratou sua prima... Ah! é verdade... Estão para casar.. Quando se casam?

LUIZ.

Brevemente.

LEONOR.

Faz um bom casamento, Sr. Luiz Fernandes; o Leonardo, em quanto caseiro, sempre foi bom servo, e é natural que minha mãe dê, pelo menos o enxoval á noiva.

LUIZ.

Tudo é de esperar da bondade da Sra. Morgada, é provavel comtudo que lhe poupemos esse incommodo.

LEONOR.

E eu tambem desejaria protegê-lo, Sr. Luiz Fernandes; se quizesse ficar na terra, poderia obter-lhe o lugar de...

LUIZ.

De?...

LEONOR.

Mestre de meninos.

LUIZ, sorrindo.

É um emprego honroso. Mestre de meninos! Ainda ha pouco tempo Nicoláo Tolentino deixou de o ser.

LEONOR.

Então acceita?

LUIZ.

Oh! não são tão elevadas as minas aspirações.

LEONOR.

Sabe que tambem vou casar?

LUIZ, um pouco perturbado.

Dou-lhe os meus parabens, minha senhora.

LEONOR, percebendo vagamente que o magoa, e insis-
tindo por conseguinte.

E amo tanto o meu noivo!

LUIZ, com voz tremula.

Assim é de esperar!

LEONOR.

Conhece-o?

LUIZ.

Não tenho essa honra, minha senhora.

LEONOR.

Ah! é um perfeito rapaz, bonito, airoso, instruído, inteligente, cheio de boas qualidades, e nobre, oh! de alta nobreza... Porque não senta praça, Sr. Luiz Fernandes?

LUIZ, espantado.

Eu?

LEONOR.

Sim, podíamos fazel-o sargento... O meu noivo é capitão de cavallaria, aos vinte e cinco annos... é o que tem ser nobre...

LUIZ.

Não admira, minha senhora, em França aos vinte e cinco annos os plebeus são generaes.

LEONOR, vai para se irritar, mas contém-se; friamente.

E aos vinte e seis guilhotinados. (*Mudando de tom*). Meu futuro marido é meu primo ao mesmo tempo. Galante coincidência! Dous pares de primos n'estes sitios! Podíamos fazer o casamento no mesmo dia.

LUIZ; um pouco ironicamente.

Era muita honra para mim!

LEONOR, com intenção insultante.

Honra e economia. Escusavam de fazer jantar de casamento, mandavamos-lhes os pratos da nassa mesa.

LUIZ, depois d'um silencio em que esteve como que tra-
gando a affronta.

Vossa Excellencia é cruel, minha senhora. Ha um quarto d'hora que está procurando um ponto vulneravel em peito que sem defeza se offerece aos seus golpes. Oh! bem sei quanto sou culpado! Por injusta leviandade fiz-lhe uma d'estas affrontas que se não perdoam! Mas eu só peço que me esqueçam. Envolto na minha obscuridade, de que não pretendo sahir, basta-me para castigo o sincero remorso que me punge. E' pouco generoso, minlia senhora, vingar-se de quem se humilha.

LEONOR, com voz um pouco abafada.

Confessa ao menos que me ultrajou cruelmente? E quer que eu o esqueça? Posso olvidar a maneira insultante com que proferio a meu respeito, sem me conhecer, uma sentença condemnatoria? Não era justo que desejasse vingar-me? Eu não me vingo comtudo, bem vê. Pago apenas com uma picada de alfinete a punhalada que me vibrou. (*Mudando de tom e com uma especie de familiaridade graciosa*). E porque não vingo? Porque eu por fim de contas sou boa rapariga, não é verdade?

LUIZ, quasi no mesmo tom, e com um meio sorriso.

Quer que lhe falle francamente? Parece-me que sim.

LEONOR, olha para elle maliciosa, e fazendo-lhe uma mesura de côrte.

Muito folgo com a sua opinião, Sr. Luiz Fernandes. (*Sáe rindo ás gargalhadas pela porta do fundo*).

LUIZ, segue a um momento com a vista, depois apertando a frente c'o as mãos.

És um anjo... e eu sou um desgraçado! (*Deixa-se cair na cadeira junto da mesa e procura, sem o conseguir, continuar a trabalhar. Momento de silencio.*)

SCENA III.

LUIZ, D. THEREZA COUTINHO (Morgada de Val-
flor) E DUAS CREADAS.

D. THEREZA, entrando gravemente pela porta lateral da
direita e fallando com as criadas que a acompanham.

Bem; os musicos, quando vierem, que se reunam no
jardim... Iremos ouvil-os depois de cá estar meu irmão.
(*Vendo Luiz Fernandes que se levantou e se aproxima para
a cortejar. Affavel.*) Ah! o Sr. Luiz Fernandes.

LUIZ.

Permitta, minha senhora, que lhe offereça no dia de
hoje os meus votos sinceros para que sempre corram para
V. Ex. os annos, sem a ventura deixar de lhe sorrir.

D. THEREZA.

Muito obrigada, Sr. Fernandes; aceito-os com reco-
nhecimento.

LUIZ.

É mais do que elles esperam. São humildes como
quem os fórma.

D. THEREZA.

Disse que eram sinceros, e isso basta. Ah! eu sou-
lhe muito affeçoada, Sr. Fernandes; gosto muito das
suas maneiras. Isto de pintores, e poetas, costumam ser
parasitas intromettidos, que não fazem senão vêr se
podem ter entrada com pessoas de certa ordem; Sr. Luiz
é o contrario, põe-se no seu lugar, e não pensa senão
no seu trabalho. Por isso lhe quero mostrar a conside-
ração em que o tenho. (*Depois de breve pausa.*) Sabe
que janta hoje á nossa mesa?

LUIZ, que a ouviu altivo, e de sobr'olho franzido, com
uma frieza um tanto rude.

Não, minha senhora, não sei e espero que nunca o
hei-de saber!

D. THEREZA, espantada.

Como assim?

LUIZ, levemente ironico.

Sei conservar-me no meu lugar.

D. THEREZA.

Mas sou eu que o convido!

LUIZ, ainda mais rude.

Eu só janto com meus amigos, quando elles m'õ pedem.

D. THEREZA, olha para elle algum tempo em silencio e com pensativo espanto; depois estendendo-lhe a mão com nobreza e bondade.

Pois peço-lh'õ eu que fui amiga de sua mãe.

LUIZ, commovido e beijando-lhe a mão.

Um pedido de V. Exa. é uma ordem.

D. THEREZA.

Aceita?

LUIZ.

Aceito sim, minha senhora. (*São pela porta do fundo depois de ter cumprimentado respeitosamente D. Thereza.*)

SCENA IV.

D. THEREZA E AS CREADAS, DIOGO BARRADAS depois.

D. THEREZA, pensativa.

No meu tempo havia plebeus que tinham vaidade, hoje ha plebeus que tem orgulho. Isto que annuncia?

DIOGO BARRADAS, entrando com uma bandeja coberta.

Senhora Morgada, a Abbadessa do convento de Semide

nanda a V. Exa. esta bandeja de doces, com os seus parabens pelo dia de hoje, e espera da devoção da senhora Morgada que não deixe de contribuir para o dote de duas donzellas, que desejam professar.

D. THEREZA.

Pois que duvida! Agradeça em meu nome, Diogo Barradas, e diga que eu me encarrego do dote d'essas pombinhas do Senhor! Dão um bom exemplo, dão. Esposas de Christo! é o melhor matrimonio. Se todas fossem assim. . . Vá (*Diogo Barradas entrega a bandeja a uma criada que a leva para fóra da scena pela porta lateral da esquerda, e sae pelo fundo*)... Todas!... e a minha filha! Peidoai-me, Senhor, que não teria animo de vol-a ceder.

SCENA V.

D. THEREZA, UMA CREADA E LEONOR.

LEONOR, entrando a correr pela porta do fundo e vindo lançar-se nos braços de sua mãe.

Até que a encontro emfim. Cançada de a procurar, fui pôr no seu quarto um ramo de violetas, que tinha colhido ainda frescas do orvalho da manhã. Eram as mensageiras que eu escolhera para lhe manifestarem o jubilo que o dia de hoje me inspira.

D. THEREZA, correspondendo com amor aos seus affagos.

Louquinha! pois com violetas é que se festejam os annos de quem já os conta só pelos invernos? São flores que dizem bem apenas com a tua primavera.

LEONOR, com meiguice.

Os anjos não conhecem outra estação que não seja a primavera eterna. *Reparando que sua mãe a contempla com attenção*) Está-me admirando?

D. THEREZA, um pouco severa.

Mais do que desejaria... (*para a criada*) Ignez, vá buscar um chaile de toukin.

LEONOR, com certo espanto.

Acha-me feia? (*D. Thereza não lhe responde. A criada vem com o chaile, a Morgada tomalho das mãos e lança-o com gravidade aos hombros de sua filha*).

D. THEREZA.

Isto é indecente, menina.

LEONOR, olhando comicamente para o chaile, que deixou ficar exactamente como lh'o puzeram.

Pois eu heide estar assim?

D. THEREZA, com ar sentencioso.

O pudor lh'o ordena.

LEONOR.

Mas é moda!

D. THEREZA.

Acima da moda está o temor de Deus.

LEONOR, com impaciencia infantil.

Ah! sim, pois vou me vestir de homem.

D. THEREZA, indignada.

Menina!

LEONOR.

De certo. Já que não querem que eu trage como as outras, ao menos hei-de trajar a meu gosto.

D. THEREZA.

Menina, prohibo-lhe que repita semelhante inconveniencia.

LEONOR, agitando comicamente uma das pontas do chaile.

Mas n'esse caso o chaile fica abolido!

D. THEREZA

O que tu quizeres, pequena!... Ai! se eu não soubesse que tudo isso é pura criancice... zangava-me.

LEONOR, affagando-a.

Mas não zanga, e eu vou ao jardim colher mais ramalhetes, que é para lhe pôr o seu quarto florido como uma capella. (*Sáe correndo e encontra-se á porta do fundo com Frei João Ignacio que vem entrando; atira-lhe com o chale á cabeça e exclama apenas*). Bons dias, Padre-mestre. (*Sáe*).

SCENA VI.

D. THEREZA, FREI JOÃO IGNACIO.

FREI JOÃO IGNACIO, Maneiras hypocritas temperadas por certas pretensões á elegancia, manifestadas no apuro do trajo, e no modo adamado de comprimentar. Usa oculos. Ainda meio enleiado no chale, faz o comprimento de rigor « pé atraz » segundo a moda, e vai a principiar.

Minha senhora...

D. THEREZA, afflicta, interrompendo-o.

Padre-mestre, desculpe-me aquella estouvada. Ora vejam que mortificação! Uma pessoa tão respeitavel! Ai! Frei João Ignacio, estes filhos! Eu tambem sou culpada. Não foi bem dirigida a educação d'esta pequena, não acha?

FREI JOÃO IGNACIO, depois de se desembaraçar do chale, que entrega á criada, que sáe levando-o comsigo.

Distingo, senhora Morgada, distingo; a educação moral, confiada ao meu zelo, deu optimos resultados, não por mim, indigno sementeiro, mas por ella que é, a bem dizer a terra abençoada em que falla o Evangelho. A senhora. Morgadinha é uma pomba; virtuosa, coitadinhá! docil, meiga. A educação intellectual foi um pouco mais descurada, deixaram-n'a lêr muito. A instrucção demasiada é um

veneno. O meu systema resumir-se-hia no seguinte :
Aprender o menos possível.

D. THEREZA.

Tem talvez razão, Padre-mestre. Se aquella intelligencia tinha o desejo insaciavel de saber ! Como ella aprendeu as linguas, o francez, o inglez ! (*Ouve-se fóra um grande barulho de vozes, de ladrar de cães, estrepito de passos, e um rozeirão dominando a tempestade. D. Thereza interrompe-se, e volta-se com espanto para a porta do fundo zangada*). Quem será o bruto ?

PEDRO PAULO, fóra.

Sou eu, mana, sou eu, ou antes somos nós... eu os cães. (*O estrepito aproxima-se, D. Thereza encolhe os hombros sorrindo. Abre-se a porta do fundo e Pedro Paulo apparece voltando as costas ao espectador, para não deixar entrar os cães que repelle, ralhando ao mesmo tempo com os criados que não se vêem*).

SCENA VII.

OS MESMOS, PEDRO PAULO, BERNARDO DOMINGUES
e depois LUIZ.

PEDRO PAULO, vestido com o uniforme de capitão-mór de milicias, e fallando para fóra.

Arreda Jupiter, chó canzoada, aqui não se entra... O' maldito, vê como levas o cão, olha que m'ó estrafegas. Valha-te... a Senhora do Cabo, e a mim tambem, indigno peccador, agora e na hora da nossa morte, amen Jesus. Lá vai tudo com seiscentos diabos. (*Voltando-se e vendo Frei João Ignacio Dominus vobiscum, padre-mestre. Desce a scena, e atraz d'elle entra humildemente o poetastrô Bernardo Domingues, alto magro, esgróviado, comprimantando para a direita e para a esquerda*).

D. THEREZA.

Ai! o mano é um verdadeiro temporal.

PEDRO PAULO, avança gravemente para ella, tosse, faz

o gesto de quem vai começar um discurso, tosse de novo, estende a mão.— Em tom declamatorio.

Mana e senhora... Este dia... foi um dia... que... nosso pae... te deu á luz. (*Movimento d'espanto nos circumstantes*) Disse asneira? (*Mudando de tom*). Pois leve o diabo os discursos. (*Abraçando D. Thereza*). Muitos annos e bons é o que eu te desejo, e o Domingues que te dê o recado em verso. (*Dirige-se para a boca da scena á esquerda*).

BERNARDO DOMINGUES, dá alguns passos em frente, comprimendo sempre, tira um papel da algibeira, afina a voz e lê.

Ao fausto natalicio da Exma. Sra. D. Thereza Leocadia de...

D. THEREZA, interrompendo-o com um sorriso.

Ao meus annos.

BERNARDO comprimenta, e lê no tom cantarolado da época o soneto, que no fim de cada quarteto e de cada terceto é approvedo com gestos pelos ouvintes, excepto D. Thereza.

Flor na beldade, arroio bem fallante,
foste aurora nascendo e sol crescendo;
em divino esplendor sempre excedendo
o astro formoso, a pedra rutilante.

Da tua aurora o circulo radiante
em brilho não vai nunca esmorecendo,
que em ti as excellencias estou vendo
de alva, sol, flor, arroio, astro e diamante.

Esconde Apollo o rosto de humilhado,
n'uma nuvem Diana a face vela
quando nasce teu astro sublimado.

Mas a treva ninguem possa temela
que tu és, por mais raro predicado,
sol ao mar, luz ao mundo, ao norte estrella.

D. THERESA, affavel.

Agradeço muito as suas amabilidades, Sr. Domingues, e dou-lhe ao mesmo tempo os parabens pelo seu

engenho. (*Comprimenta-o, e volta-se para fallar a Luiz, que entrou, sem que dessem por elle, durante a recitação do soneto. Pedro Paulo, que se conservou á bôca da scena com ar descontente, chama o poeta com um gesto; Bernardo aproxima-se.*)

PEDRO PAULO, sem olhar para elle.

Não estou satisfeito.

BERNARDO, humilde.

V. S. não está satisfeito?

PEDRO PAULO.

Não senhor; achei o soneto muito pequeno.

BERNARDO.

Mas, Sr. Capitão-mór, os sonetos são todos do mesmo tamanho.

PEDRO PAULO.

Qual carapuça! Saiba vocemecê que um soneto, feito aos annos de minha irmã, nunca deve ser do mesmo tamanho que os sonetos feitos a qualquer.

BERNARDO.

Mas...

PEDRO PAULO.

Não admitto observações. Deixe-me ver isto. (*Bernardo entrega-lhe o soneto. Pedro Paulo colloca-o a distancia para o ver melhor. Irado.*) Aqui está; porque é que estas linhas não chegam ao fim do papel?

BERNARDO.

Porque são versos.

PEDRO PAULO.

Que são versos sei eu, não me deu nenhuma novidade. D'aqui em diante, versos feitos a minha irmã hão-de encher o papel todo. (*Restitue o soneto a Bernardo.*) Tenha enten-

dido. (*Bernardo affasta-se humildemente. A' parte.*) Assim é que eu os ensino.

D. THEREZA, aproximando-se do Capitão-mór, acompanhada por Luiz.

Deixe-me apresentar-lhe, mano, o Sr. Luiz Fernandes, sobrinho do nosso Leonardo, e pintor de muito merecimento. (*Luiz comprimenta*).

PEDRO PAULO, abaixando a cabeça, mas evidentemente espantado de vêr um pintor alli.

Bons dias, mestre. (*Luiz, irritado, dá um passo á retaguarda franzindo as sobrancelhas. Para D. Thereza*) Talvez elle me possa pintar de verde o portão da quinta.

D. THEREZA, impacientada.

O mano tem cousas. Não é d'esses pintores é d'estes... que fazem santos...

PEDRO PAULO, rindo boçalmente.

Que fazem santos!... Então é o papa! (*D. Thereza encolhe os hombros, e desvia-se. A' parte, e rindo muito satisfeito*). Tive graça.

SCENA VIII.

OS MESMOS E LEONOR.

LEONOR, correndo a abraçar o tio.

Bons dias, meu tio, quanto folgo de o vêr!

PEDRO PAULO.

Ora viva a minha donzella Theodora; aposto que gostavas mais de vêr o primo.

LEONOR.

Elle não vem?

PEDRO PAULO.

Não tarda ahi... (*olhando em torno de si*) Mas a gente porque se não senta? (*Procura uma cadeira; sentam-se todos; a Morgada ao fundo, a sua direita o Frade, á esquerda o Capitão-mór, á esquerda d'este Leonor; desviado do grupo Luiz, do outro lado da scena, e escondido humildemente por traz do capitão-mór, Bernardo*) Não tarda ahi. Chegou hontem de Lisboa, e é que o rapaz vem apressado. Olha lá, sobrinha, tú não desgostavas de que o casamento se fizesse com brevidade?

LEONOR, illudindo a resposta.

Tenho tanto desejo de vêr Lisboa...

PEDRO PAULO.

Ah! tens desejo de vêr Lisboa.

LEONOR.

Desejo contempal-a resurgida como a phenix das ruinas e das cinzas do terremoto e do incendio; e depois... estou morrendo por ir ao theatro. (*Movimento de espanto nos circumstantes*).

D. THEREZA, com severidade.

Quem lhe fallou n'essas cousas, menina? Não sabe que o theatro é um lugar de perdição?

PEDRO PAULO.

Tal qual! A caldeira de Pero Botelho.

D. THEREZA, grave e digna.

Seu pae, menina, quando o seu dever de camarista do senhor rei D. José o obrigava a assistir a algum espectáculo no theatro da côrte, voltava as costas para a scena e rezava as suas contas.

PEDRO PAULO.

Era um santinho, Deus lhe falle n'alma! Olha, sobrinha, os comicos sempre é gente que se não póde salvar; não é verdade, Padre-mestre?

FREI JOÃO IGNACIO, sentencioso.

Distingo: os comicos talvez possam, mas as comicas não, que são instrumentos de Satanaz.

D. THEREZA.

Por isso a nossa augusta soberana, a Sra. D. Maria I, ordenou que no theatro da Rua dos Condes fizessem homens o papel de mulheres. Salvou a moral e religião.

LEONOR, que ouviu com mudo espanto este dialogo.

Pois eu havia de vêr o papel de Julieta confiado a um homem?

D. THEREZA, estupefacta.

O papel de... (*voltando-se com terror comico para o frade*) Ai! Padre-mestre que ella até lê comedias!

LEONOR.

Minha mãe, foi um pobre folheto inglez que eu encontrei desprezado a um canto da bibliotheca—*Romeu e Julieta!* Como veio alli naufragar aquella gondola veneziana resplandecente de luz e rescendente de aromas? Não o sei; sei apenas que tenho saboreado com delicias essa tragedia, ou antes esse cantico, o mais suave que nunca uns labios apaixonados murmuraram ao ouvido da mulher amada! Quantas noutes não tenho passado na janella do meu quarto vendo espelhar-se a luá nas aguas do Mondego, e sonhando que é o luar de Verona que n'estas campinas resplende. E quando rompe a manhã, sonho ainda que é sua aurora immortal que banha de luz suavissima a varanda de Julieta. Aquelles que dão a vida da scena a estas figuras ideaes condemna-os Deus talvez, mas resgatam-nos de certo as puras lagrimas que arrancam. (*Suspende-se um momento bastante confusa, no meio do silencio geral. Depois dirige-se a Luiz, voltando levemente a cabeça para elle*) Não vio em França *Romeu e Julieta?*

LUIZ, commovido.

Não, minha senhora; o publico francez não está ainda liberto bastante dos sentimentos convencionaes do seculo

que finda para poder apreciar a verdade sublime das tragedias de Shakespeare. O poeta inglez é um livro fechado para os espiritos dos nossos contemporaneos. Só o lêem os corações... como o de V. Ex.

PEDRO PAULO, que olhou pasmado ora para um para outro dos dous interlocutores, com mostras evidentes de quem não percebe palavra do que se está dizendo bate afinal com indignação uma palmada no joelho.

Fallemos em portuguez.—Eu ainda estou na minha; aquillo de comicos é má raça. Ha-de-me lembrar sempre uma cantora italiana, que, se o Marquez de Pombal a não põe fóra do reino, pespegava-lhe com o filho — o Condé de Oeiras — nas garras de Belzebuth, salvo seja!

D. THEREZA, desdenhosa.

Ah! bem sei, a Zamperini. Olhe, mano, não se perdia nada. Se o inimigo n'essa occasião levasse o pae em vez do filho, melhor seria, mais cedo nos viamos livres d'elle.

LUIZ.

Oh! minha senhora, o Marquez do Pombal era um grande homem.

D. THEREZA, indignada.

Diga antes um grande algoz.

PEDRO PAULO.

Não senhor, a verdade deve-se dizer, o Marquez tinha boas qualidades.

D. THEREZA.

O mano defende-o?

PEDRO PAULO.

A verdade primeiro que tudo. Por exemplo o Marquez sabia conhecêr as pessoas... Olhe a mim sempre me respeitou.

LUIZ.

O Marquez de Pombal?

PEDRO PAULO.

Sim senhor. Eu e o Marquez de Marialva fomos os unicos fidalgos a que elle se não atreveu.

D. THEREZA.

Como assim?

PEDRO PAULO.

Ah! não se lembra? Pois eu lhe conto. (*Luiz aproxima-se com curiosidade*) Foi por occasião da historia dos tiros. Todas as pessoas que frequentavam a casa do duque d'Aveiro foram catrafiladas. Eu que tambem apparecia por lá, cahi na rede. Levaram-nos a casa de Sebastião de Carvalho, porque elle queria nos interrogar. Eu ia decidido a negar tudo, e estava com uma cara de poucos amigos, quando o homem se chegou ao pé de mim e perguntou-me: « Como se chama? » Pedro Paulo de Faria Azeredo Silva Paes Mattoso, respondi eu com voz de trovão. Elle parece que me tomou respeito, porque me deitou a luneta perguntando-me: Sabe lêr e escrever? Não senhor, tornei eu.

D. THEREZA, levantando as mãos ao céu.

Pois o mano disse isso?

PEDRO PAULO.

Disse, sim senhora, em primeiro lugar porque eu não lhe queria dar satisfações, em segundo lugar porque não costumo gabar-me das prendas que não faço uso.

THEREZA, encolhendo os hombros.

Ih! Jesus.

PEDRO PAULO.

Elle ficou por tal fórma atarantado que se voltou para o irmão, e disse-lhe assim: Francisco Xavier, manda soltar este senhor, e que ninguem lhe toque d'aqui em

diante. Este fidalgo deve ser conservado, como um monumento... um monumento quê, Bernardo?

BERNARDO, levantando-se e comprimentando.

Gothico, Sr. Capitão-mór.

PEDRO PAULO.

E' verdade, monumento gothico. Foi o que elle me chamou. Eu não posso dizer mal d'elle. (*Silencio embaraçado. D. Thereza está mortificada, Leonor despeitada por ter sido Luiz testemunha d'esta scena, Pedro Paulo ufa-no repete ainda a meia voz*) É verdade, sempre me respeitou.

D. THEREZA, para Frei João Ignacio.

Padre-mestre não poderemos ouvir alguma d'aquellas modinhas brasileiras que Vossa Reverendissima canta com tamanha perfeição?

FREI JOÃO IGNACIO, com falsa modestia.

Oh! minha senhora, como poderei eu cantar bem motetes profanos?

D. THEREZA.

Então, Padre-mestre... Leonor, acompanha no cravo o Sr. Frei João. (*Leonor vai, com muito máo humor sentar-se ao cravo e preludia*).

FREI JOÃO IGNACIO, afina a voz, puxa o barretinho para a testa, arregaça um pouco a batina para deixar vêr um pouco o bordado, reclina a cabeça, e começa com uns modos adocicados.

« Mulatinhas da Bahia... »

Abre-se a porta de subito e apparece Rodrigo trajando o uniforme de capitão de cavallaria. Todos se levantam, o frade com um movimento de impaciencia, Leonor satisfeita por vêr-se livre do encargo.

SCENA IX.

OS MESMOS, E RODRIGO.

RODRIGO, modos impertigados, ar satisfeito de si,
mesuras de côrte. Dirige-se a D. Thereza e
beija-lhe a mão.

Minha querida ti, eu só desejo que Apollo suspenda
hoje os frisões do seu carro, para que o sol que a vio
nacer não deixe nunca de illuminar o horisonte.

D. THEREZA.

Bons dias, meu sobrinho. Vem sempre um madrigal.

RODRIGO, dirigindo-se a Leonor.

Minha formosa prima, deposito na sua mão os votos
do meu amor e a seus pés as homenagens do meu
respeito.

LEONOR, simplesmente.

Folgo muito de o ver, meu primo. (*Rodrigo cumprimen-
ta Frei João com familiaridade, e nem repara em Luiz
que se desviou sombrio.*)

D. THEREZA.

Como passa a nossa augusta soberana?

RODRIGO.

Sua Magestade soffre ligeiros incommodos que a obri-
gam a desviar attenção dos negocios do Estado, mas Sua
Alteza Real suppre a sua falta com o tino que Deus con-
cede sempre a tão eminentes pessoas. (*Dirigindo-se a
Leonor*) Pareciam-me seculos, querida prima, os instan-
tes que passava longe da sua divina presença.

LEONOR, que reparou nas maneiras de Luiz, dando o
braço a Rodrigo com certa garridice, e passeiando
com elle na frente da scena.

Então pensava em mim no turbilhão da côrte?

RODRIGO.

Sempre, minha formosa prima. Nas horas em que eu tinha a dita de esperar Sua Magestade...

LEONOR, espantada.

Gosta de esperar pela rainha?

RODRIGO.

Qual dos cortezãos não sente infinito jubilo em esperar que desponte o sol da realza?

LEONOR.

E era então que pensava em mim?

RODRIGO.

Sim, minha formosa prima, e sentia-me a um tempo feliz e desgraçado; feliz porque estava para apparecer a minha augusta ama, desgraçado porque ainda não apparecia; feliz porque o Deus do amor me pintava no coração a imagem da minha noiva ausente, desgraçado...

LEONOR, largando-lhe o braço sem cerimonia, e affastando-se.

Que fastio! (*Vai ao cravo correr os dedos pelas teclas.*)

RODRIGO, indo a cõtinuar.

Desgraçado... (*Reparando na desappareição de Leonor.*) Heim? (*Depois de uma pausa.*) E' contra a etiqueta.

D. THEREZA.

O que ha de novo na cõrte, meu sobrinho?

RODRIGO

O que ha de novo? Um horrivel escandalo.

TODOS, excepto Leonor e Luiz.

Um escandalo!

RODRIGO.

Pois não sabem?

PEDRO PAULO.

Então que foi ?

RODRIGO, com ares de importancia.

Imaginem que o novo embaixador de Hespanha tinha audiencia de recepção. Foi buscal-o ao seu palacio, segundo o costume, o Conde de Villa-Verde ; ordena a etiqueta, que, logo que o fidalgo conductor se apeia da carruagem, o embaixador, que está no cimo da escada, desça tres degráos ao seu encontro.

D. THEREZA.

Exactamente.

RODRIGO.

Pois o novo embaixador desceu apenas um degráo, um- apenas !

TODOS, (menos Leonor e Luiz) horrorisados.

Oh!

RODRIGO.

O Conde de Villa-Verde em silencio devorou a affronta mas logo no dia seguinte foi pedida uma satisfação. Não sei ainda qual a resposta do embaixador, mas, se a não der condigna da gravidade do caso, é de receiar que haja rompimento com a Hespanha.

D. THEREZA.

Ah ! no tempo do Sr. D. João V ninguem ousaria commetter essa falta !

LEONOR, com reprimida colera, e intenção ironica.

E de França ha notícias?

RODRIGO.

Oh ! minha formosa prima, confesso-lhe que, desde que Versailles acabou, já eu não sei o que ha de novo em França !

LEONOR, exaltada.

Pois eu lh'o digo. O filho de S. Luiz foi decapitado, foi decapitada a filha dos Cesares; talvez o não soubesse ainda?! — Ah! como a nobreza merece os insultos que lhe arrojam! Occupa-se de frivolas puerilidades em quanto os thronos se alluem, em quanto as rainhas choram como simples mulheres. Outr'ora os fidalgos portuguezes corriam a Inglaterra para vingarem as damas ultrajadas, hoje póde a plebe infame assassinar as filhas dos imperadores sem que estas vejam a seu lado luzir a espada d'um gentil-homem. Nós, as filhas dos paladinos, não devíamos dar a nossa mão e o nosso amor senão áquelles que soubessem conquistar-os n'estas novas cruzadas da realza. (*Tristemente*). O que importava? Os noivos rir-se-hiam das Dulcineas, e continuariam a esperar nas ante-camaras a rainha venturosa, desamparando no cadafalso a rainha desgraçada. (*Quando ella acaba estabelece-se entre Rodrigo e Pedro Paulo uma scena muda; Rodrigo parece perguntar a Pedro Paulo o que quiz sua prima dizer, Pedro Paulo encolhe os hombros.*)

PEDRO PAULO, para Rodrigo.

É aquillo que tu vês! Não falla senão em verso. (*Luiz, que os ouvio. não reprime um sorriso*).

LEONOR, que reparou no sorriso, avançando para elle indignada.

De que se ri?

LUIZ, enleiado.

Minha senhora!

LEONOR, no mesmo tom.

Saiba que não gosto que se riam quando eu fallo. (*Movimento d'espanto geral; D. Thereza caminha vagarosamente para sua filha, Rodrigo aproxima-se rapidamente de Leonor*).

RODRIGO.

Offendeu-a alguém, minha prima?

LEONOR, insultante.

Oh! não faça caso; foi apenas um pintor...

LUIZ, respondendo á Morgadinha, mas olhando para Rodrigo com intenção provocadora.

Tem razão, minha senhora, podia ser mais... podia ser... um tolo. (*Rodrigo fica muito tempo pasmado a olhar para elle*).

D. THEREZA, que se aproximou de Leonor pallida e severa.

A menina acaba de insultar uma pessoa que é hoje nosso hospede... Queira pedir-lhe perdão!

LEONOR, indignada.

Pedir perdão, eu!

D. THEREZA.

Será sua mãe quem o peça. (*para Luiz*) Senhor Luiz Fernandes, queira desculpar minha filha, que tão cruelmente me pune do muito amor que lhe tenho.

LEONOR, debulhada em lagrimas.

Minha mãe... (*para Luiz*) Se é forçoso que alguém se humilhe, serei eu. Peço-lhe desculpa, senhor.

LUIZ, afflictissimo.

Minhas senhoras!

D. THEREZA, abraçando Leonor que esconde o rosto banhado de lagrimas no peito d'ella.

O coração é bom, mas a cabeça...

RODRIGO, que esteve pasmado a olhar para Luiz, voltando-se para Frei João Ignacio.

Oh! Padre-Mestre, parece que elle chamou-me tolo.

FREI JOÃO IGNACIO.

Distingo...

D. THEREZA, querendo livrar todos d'uma posição embaraçosa.

Meus senhores, os musicos devem estar no jardim... Se isso lhes não desagrade, podemos ouvir alguma symphonia de David Peres... (*para Rodrigo*) O seu braço meu sobrinho. (*Saem todos pelo fundo, excepto Leonor que se vai deixando ficar atraz, seguindo com a vista o grupo*).

SCENA X.

LEONOR, só.

Oh ! como eu odeio este homem` (*desce a scena*) Odeio-o sim, odeio-o, porque reconheço com raiva a sua incontestavel superioridade sobre os filhos degenerados da gloriosa nobreza d'outr'ora... Religião do passado, austero culto das tradições, como te aviltam aquelles que deviam conservar-te puro !...

SCENA XI.

LEONOR E LUIZ.

LUIZ. entrando rapidamente, agitado e procurando em-torno de si e por cima da meza.

Maldito papel, como te perderia eu! (*Reparando em Leonor*) Oh! perdão, minha senhora, procuro um papel.

LEONOR, ironicamente.

Procure á vontade, eu saio. Está em sua casa, cidadão.

LUIZ.

Minha senhora, se a minha presença lhe é por tal fórma odiosa ..

LEONOR.

Odiosa ; pois eu penso lá no senhor !... Dou-lhe os parabens por ter sabido captar o espirito de minha mãe.

LUIZ, altivo.

Eu não captei o espirito de pessoa alguma. Isolado no meu trabalho, desejaria até que a minha presença fosse, para assim dizer, ignorada dos donos d'esta casa. Mas, se, contra a minha expectativa, sympathias, que não provoquei, e odios, que não me suppunha capaz de excitar, me collocam n'uma posição intoleravel, vejo-me forçado a quebrar todos os compromissos, e a sahir d'este palacio onde não vim nem pedir hospitalidade, nem procurar relações.

LEONOR, friamente.

Era o que deveria ter feito ha mais tempo. (*Luiz inclina-se, relanceando ainda emtorno de si um olhar inquieto.*)

SCENA XII.

OS MESMOS E PEDRO PAULO.

PEDRO PAULO, vem do fundo vagarosamente, soletrando um papel que conserva a distancia dos olhos.

Versos a...

LUIZ, vendo o papel, e correndo pressuroso a Pedro Paulo.

Perdão, Sr. Capitão-mór, esse papel...

PEDRO PAULO, sem o attender.

Leo...n...o...r nor, Leonor... Ah! Versós a Leonor.

LEONOR, que seguio a scena com curiosidade, dando um passo para seu tio.

Como ?

LUIZ, á parte, aterrado.

Oh ! Deus do céo !

PEDRO PAULO, para Leonor.

Nada, foi um papel que eu encontrei no jardim,

quando vinha a fugir da choradeira da musica... Isto ha de ser cousa do Bernardo.

LEONOR.

Porque ?

PEDRO PAULO.

Porque ? Porque as linhas não chegam ao fim... A mania d'aquelle diabo é estragar papel.

LEONOR.

Ah !

PEDRO PAULO.

Como d'hoje a quinze dias ha abbadessado em Santa Clara, o patife anda a fazer os improvisos.

LEONOR, rindo.

Com quinze dias de anticipação. Bocage fazia-os mais depressa.

PEDRO PAULO, indignado.

É verdade. E chamam áquillo poeta. Um homem que faz versos do pé para a mão ! Assim tambem eu. (*Vol-tando ao papel*) Ora vamos a vêr isto.

LUIZ, agitadissimo, e para tentar impedir a leitura, com voz rapida.

Então, o Sr. Capitão-mór não gosta de Bocage ?

PEDRO PAULO, indignado.

Não me falle n'esse troca-tintas.

LUIZ, como acima.

Fez-lhe alguma offensa ?

PEDRO PAULO, como acima.

Se o intendente da policia me dêsse ouvidos, aquelle mariola estava mas era na costa d'África.

LUIZ.

O que fez elle ?

PEDRO PAULO, para Leonor.

Eu nunca te contei ?

LEONOR.

Já sim, meu tio. Conte ao Sr. Luiz Fernandes, emquanto eu leio os versos (*indo a tirár-lhe o papel*).

PEDRO PAULO, conservando o papel na mão.

Para que os queres tu pequena ?

LEONOR, sorrindo.

O espirito feminil compraz-se em cousas ligeiras e isto de poesias é cousa leve, meu tio. Não sabe o que um poeta dizia aos seus versos ?

PEDRO PAULO, com um risinho condescendente.

Dize lá... eu gosto de te ouvir.

LEONOR, com emphase comica.

Adejai... Adejai é como quem diz] voai.

PEDRO PAULO, inclinando para ella o ouvido.

Sim.

LEONOR, continuando.

« Adejai, versos meus, ao Sena ovante.»

PEDRO [PAULO, interrompendo-a.

Isso não é de Bocage, não ?

LEONOR.

Não, meu tio, é de Elmano.

PEDRO PAULO.

Não conheço... Pois [é bonito,] é... Dize lá outra vez.

LEONOR.

« Adejai, versos meus, ao Sena ovante. »

PEDRO PAULO.

E foram ?

LEONOR.

Segundo parece...

PEDRO PAULO.

O Sena onde fica ?

LEONOR.

Em França.

PEDRO PAULO, dando-lhe os versos.

Pois então pega lá, que estes, se fossem para França eu é que não ia atraz d'elles.

LUIZ, dando um passo para elle.

Mas...

PEDRO PAULO, para Luiz.

Vamos nós á copa, onde ha cousas mais pesadas.

LUIZ, agitado e impaciente.

Perdão, Sr. Capitão-mór...

LESNOR, com frieza.

Não acompanha meu tio ?

PEDRO PAULO.

Eu é que o não largo sem lhe contar a historia.

LUIZ, resignando-se mas com impaciencia e suprema agitação. A' parte.

Oh! meu Deus o que sahirá d'aqui? (*sahem ambos*).

SCENA XIII.

Durante esta scena e o principio da scena seguinte, ouve-se ao longe a musica da serenata, melancholica e frouxa, que deve servir de rythmo para a recitação dos versos. Leonor espera com certa anciedade que desapareçam o tio e Luiz, e depois vindo á bôca da scena desdobra o papel e suspende-se um instante.

LEONOR, só.

Oh! o que eu vou lêr? *(Depois de breve hesitação lê com voz que se vae involuntariamente commovendo).*

Longe, bem longe na amplidão celeste
a estrella brilha, com o brilhar seduz;
e o pastor geme, sobre o monte agreste,
cravando os olhos na adorada luz!

No serro altivo ergue-se a flôr vermelha,
exhala aroma que não tem rival;
c'o a debil aza namorada abelha
debalde aneia por se erguer do val.

Tu és a rosa que fragancia espira,
eu sou a abelha que no val morreu;
sou o pastor que ao ideal aspira,
tu és a estrella que illumina o céu!

Estrella, segue a radiosa estrada!
Recende aromas, orgulhosa flôr!
E oh! nunca sonhes que assim foste amada,
oh! nunca saibas que morri de amor!

(Acabando de recitar, fica um instante pensativa e silenciosa).

SCENA XIV.

LEONOR E LUIZ.

LUIZ, entrando agitado. A' parte.

Pude livrar-me. Lá o deixei com o frade.

LEONOR, vendo-o, á parte.

Elle! *(Volta vivamente os olhos para o papel e relê os ultimos dous versos, mas n'um tom zombeteiro).*

E oh! nunca sonhes que assim foste amada,
oh! nunca saibas que morri de amor!

(*para Luiz, com ironia pungente*) Muito bonitos estes versos: não se parecem com os dos outros vates... Isto é que é poesia republicana?

LUIZ, profundamente commovido por mil encontrados sentimentos.

Minha senhora, ninguem lamenta mais do que eu o acaso...

LEONOR, interrompendo-o com amarga ironia.

Feliz acaso, nao é verdade? que arrojou tão directamente á face da pessoa, para quem eram destinados, os versos e o insulto.

LUIZ, dolorosamente.

O insulto! O amor que eu ousei consagrar-lhe, mas que V. Ex. nunca de certo adivinhou, seria uma offensa se se trahisse por uma palavra, por um gesto, se se atrevesse a ir perturbal-a na esphera resplandecente onde vive; mas, sendo, como foi, uma adoração intima, silenciosa que padece por se vêr assim arrastada á luz de que fugia, esse amor, minha senhora, é ridiculo, bem sei, mas insultante... como?

LEONOR, concentrada.

Como? Pois olvidou tão depressa o desprezo que me votava? Eu é que não esqueci nem uma só das suas palavras, que ficaram no meu espirito gravadas em letras de fogo. Aviva-se agora a recordação d'ellas, porque me dão a chave d'este enigma (*mostrando o papel*). Ha tudo a esperar, não é verdade, dos caprichos de uma estouvada que a toda a hora corre por montes e valles? Póde impunemente o pebleu que a insulta offerecer-lhe a homenagem de um amor que é uma nova offensa? Pois as fidalgas merecem lá os respeitos de um homem livre! Com impudencia e audacia tudo se consegue d'ellas, não é assim?

LUIZ, com dolorosa melancholia.

Deus enviou-me este amor para que fosse a expiação

de um momento d'insania, mas, resignando-me a todas as provações, a todas as dôres que elle me podia causar; confesso que não previa a angustia d'este momento. Porque heide eu offender-me? Esse papel, indiscreto confidente dos meus loucos devaneios, n'um instante se reduz a cinzas, vòa no fumo o insulto, e V. Exa. nem mais se lembra do desgraçado que não soube senão offendel-a. Dê-me esse papel, sim minha senhora?

LEONOR.

Oh! isso não! guardo-o preciosamente, para que, olhando para elle, me possa rir á vontade sempre que vir passar altivos e inflexiveis certos orgulhos republicanos.

LUIZ, franzindo levemente o sobr'olho.

E' justo o motejo, mas é cruel, minha senhora. Esses versos de que lhe servem?

LEONOR.

Oh! descanse que os não vou mandar no dia do seu casamento a sua prima afflicta. Mas nós, pobres patricias desprezadas, sempre achamos sabor no espectáculo dos Catões a vociferarem contra os esplendores que os fascinam.

LUIZ, reprimindo a colera que principia a invadil-o.

Dilacere-me, tudo acceito. Mas note que é imprudente revolver tanto o punhal na ferida.

LEONOR.

Ah! o seu orgulho padece! Tambem o meu tem padecido. Duas vezes me humilhou, senhor democrata que cubiga o que despreza.

LUIZ, com voz secca e rapida.

Dê-me os versos, minha senhora.

LEONOR.

Oh! nunca! fazem parte do meu dote. Quando lá se

rirem em familia da fidalga a quem impôz tantas humilhações, rir-nos-hemos tambem do plebeu orgulhoso, que nos sahio a final um enamorado menestrel.

LUIZ, dando um passo para ella, pallido de indagação.

Minha senhora, se um acaso fatal lhe entregou o segredo do amor que me devora, lembro-lhe que esse amor, calando-se, coñquistou o direito de não ser exposto á irrisão e ao insulto. Esse direito reconhece-o de certo, porque me vai entregar os versos.

LEONOR, altiva.

Julga que obedeço ás suas ordens ?

LUIZ, com força.

Obedece, porque assim lh'ó ordenam as leis da lealdade; obedece ou então...

LEONOR, exaltada.

Ou então o que? Ameaça-me ?

LUIZ, com explosão.

Ameaço sim, porque não é já um plebeu que está em presença d'uma fidalga, não é já mesmo um homem que está em presença d'uma mulher, é uma victima que se revolta contra o algoz que a tortura. Dê-me esses versos.

LEONOR.

Não.

LUIZ, fóra de si agarrando-lhe no pulso com violencia.

Oh ! dá-m'os de certo.

LEONOR, olha para elle com indescrictivel espanto, quasi com terror, e abre os dedos que deixam cair o papel. Com modo quasi infantil.

Magôa-me.

LUIZ, toda a sua exaltação desaparece do subito, e cée aos pés de Leonor soluçante e banhado de lagrimas.

Oh! perdão! perdão! Que desgraçado que eu sou! Mas se lêsse na minha alma, se visse quanto eu padeço... que profundo amor lhe consagro, amor sem esperança, louco, fatal, maldito! Oh! mate-me por piedade, emquanto eu me rojo a seus pés; mate-me que eu possa vê-la no supremo instante, e dizer-lhe uma vez só: Amo-te! perdôa!

LEONOR, commovida, mas dominando a commoção, e apontando com um sorriso de triumpho para Luiz prostrado a seus pés.

Orgulho indomavel, quebrei-te emfim!

LUIZ, erguendo-se de um impeto com as faces ainda banhadas de pranto, arquejantes de soluços, mas indignado.

Ah! n'esse peito de marmore não pulsa um coração. Quem zomba de lagrimas assim, não merece causal-as. A mulher, que n'estas angustias supremas de um coração altivo não vê mais do que uma victoria do seu orgulho, seja rainha ou lacaia, é indigna do amor de um homem de bem.

LEONOR, caminhando para elle, e com a voz suffocada por um mixto de colera, dôr e espanto.

Insolente!

LUIZ.

Não sou insolente, mas, antes de me affastar para sempre d'este logar maldito, quero-lhe dizer ao menos uma ultima verdade. As suas palavras dilaceraram-me o coração que a sua imagem povoava, mas a essa imagem arrancaram-lhe tambem a sua perfeição ideal. A deusa cahio do Olympo e transformou-se em mulher. Ha pouco só desejava morrer, agora só desejo arrancar do livro da minha alma a pagina onde escrevi o seu nome. Não o conseguirei talvez. Embora! ria-se do insensato, mas lembre-se, e pôde ser que então o riso se lhe gele nos

labios, de que este louco morreu legando-lhe a maldição e o remorso. Adeus. (*Sae desvairado.*)

LEONOR, responde-lhe com uma gargalhada ironica. Mas quando elle desaparece o riso torna-se convulso, e, depois de uma breve lucha muda-se n'um soluçar doloroso. Esconde o rosto nas mãos, cáe banhada de lagrimas n'uma cadeira, exclamando :

E amo-o, desgraçada ! (*Cáe o panno*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Um largo arborizado diante de uma igreja. A igreja fica ao fundo e à esquerda; divisa-se-lhe penas a fachada principal, modesta fachada de pobre templo aldeão. Os degrãos do adro occupam o fundo do palco. ao longe põe-se o sol; durante o acto a noite invade a scena. O arvoredado fórma os bastidores. No meio do tablado uma cruz alta a que se sóbe por alguns degrãos. Suppõe-se a scena a pouca distancia do palacio de Val-flor.

SCENA I.

CAMPONEZES E CAMPONEZAS.

Movimento e animação d'uma romaria. Pela porta da igreja sae e entra gente a cada momento. Na scena formam-se grupos que palestram, que se dispersam, que se tornam a formar a capricho. Os camponios rapazes, quando parados, encostam-se aos compridos cajados de marmelleiro, Usam chapéos desabados com grande roseta. e grandes fitas cahidas, fchas de lã vermelha, collete com botões de vidro, calção, sapato grosso, jaqueta sobre o hombro. As raparigas usam saias apanhadas, que deixam ver o saiote, roupinhas, collete, camisa tufada, sapatos com rosetas de fita, lenços bordados, com enormes azas: algumas tem por cima o chapéo desabado, mas pequeno. Ao fundo, à direita, junto do adro da igreja, dança-se com muita animação. Rebecas e violas formam a orchestra; os tocadores dançam tambem, tocando a *chula* e a *ramalda*. *Sapateado* requebros, como é de uso nas danças populares da Beira. Em volta dos que dançam são mais numerosos os grupos; trocam-se as interpeilações e os risos entre os dançadores e os espectadores (1).

1.º CAMPONEZ, espectador para uma dançadora,

Ai! Maria! como tu saltas! (*para outro dançador que*

(1) Na descripção da romaria guiei-me principalmente pelo formoso capitulo do *Mario*, em que se trata de uma d'essas festas populares. Tambem me serviram da muito as indicações que me foram dadas obsequiosamente pelo autor d'esse bello romance; o meu bom amigo Dr. A. da Silva Gayo.

toca viola ao mesmo tempo) Viva o sô Zé do moinho! Safa que sapateado!

2.º CAMPONEZ, continuando a dançar e a tocar viola.

Entra na roda que isto não é só vêr e estar de quedo.

1.º CAMPONEZ.

Vá feito! Quem me empresta uma viola? (*Dão-lhe uma viola. Para outra camponeza*). Vamos lá nós rapariga. Agora é que se vai vêr o que é o *ponteado* e o *arrastado* n'uma viola de lei. (*Entra na roda com uma rapariga que tomou para par*).

1.ª CAMPONEZA, maliciosa e garrida.

Ah! sô Antonio da Cruz, já traz o espinho comsigo.

1.º CAMPONEZ, que na roda dá a esquerda a quem o interpellou.

Ai! Maria, o meu espinho está do lado do coração.

1.ª CAMPONEZA, virando-lhe as costas a rir-se, depois da requebrada meia volta de rigor na dança.

Vire o coração para outro lado, que d'aqui não péga.

1.º CAMPONEZ, quando no giro se encontra de novo face a face com ella, canta.

Que lindo botão de rosa!
que eu vejo n'esta roseira,

1.ª CAMPONEZA, quando volta a achar-se de frente com elle, canta.

Mas se não podes colhel-o,
de que te serve a canceira?

1.º CAMPONEZ, como acima.

Não posso olhel-o, é certo,
mas respirar-lhe o perfume.

1.ª CAMPONEZA, como acima.

Pois não te chegues tão perto
que a rosa ás vezes tem lume.

TODOS.

Viva ? viva ! Bem respondido, sôra Maria.

2.º CAMPONEZ.

Esta Maria quem a não fez prégadora !

3.º CAMPONEZ, velho e coxo, n'um grupo de velhotes que se formou no meio da scena.

... E vai depois eu mandei chamar o doutor, e disse-lhe assim : Ora vocemecê ha de saber que eu estou com isto na perna, fez dous annos pelo S. João, que até por signal andava o burro, sô doutor, com perdão de vocemecê, com maleitas, salvo seja, que se fosse uma alma christã, eu ia jurar que elle tinha a espinhella cahida, que eu estou a dizer que aquillo foi máo olhado que nos deitaram a nós, sô doutor, a mim e ao burro. (*Frei João Ignacio sae da igreja, e desce gravemente os degráos do adro*).

4.º CAMPONEZ, velho impaciente.

Ahi vem elle.

3.º CAMPONEZ, admirado.

Quem ! o burro ?

4.º CAMPONEZ, indignado.

Quero lá saber do burro ! Olhe, visinho, agora o verdadeiro burro é o nosso padre prégador. Vamos-lhe pedir a benção. (*Dirigem-se ao encontro de Frei João Ignacio e curvam-se diante d'elle respeitosamente*).

SCENA II.

OS MESMOS E FREI JOÃO IGNACIO.

FREI JOÃO IGNACIO, abençoando-os com a mão.

A benção de Deus vos cubra, meus filhos.

3.º CAMPONEZ, dirigindo-se para elle coxeando, e coçando a cabeça com grande embaraço.

O' Sr. Frei João, eu, se me atrevesse, queria-lhe perguntar uma cousa...

FREI JOÃO IGNACIO.

Falla, homem.

3.º CAMPONEZ.

É que eu, como o outro que diz, tenho-me apegado com a Senhora dos Milagres de Val-flor, que até já lhe dei uma perna de cêra, e vai depois eu continuo na mesma, e então andam-me a azoinar os ouvidos que esta Senhora que não presta, que a que vale é a Senhora Mãe dos Homens lá para as bandas de Louzella, e então eu vinha perguntar, se não podia tirar a perna de cêra para vêr se a dava... sim... dizia eu...

FREI JOÃO IGNACIO, enleiado, mas sempre sentencioso.

Homem... essa agora... distingo.

4.º CAMPONEZ, indignado.

Quem foi que lhe disse isso, visinho? Pois você quer-se ir apegar a essa Senhora que nem tem mordomos que lhe façam uma festa de truz?

3.º CAMPONEZ.

Visinho... olhe que sempre é a Mãe dos Homens!

4.º CAMPONEZ, indignado.

É a Mãe dos Homens! Pois esta, cá a nossa é a Mãe de Deus. Ahi tem você.

3.º CAMPONEZ, que ficou um instante assombrado.

Ganhou, sô Manoel da Azinhaga! Pois já não tiro a perna! Com sua licença, Sr. Frei João. *(Retiram-se e perdem-se nos grupos ao fundo).*

FREI JOÃO IGNACIO, recobrando-se do primeiro assombro.

Esperem lá, homens, esperem... Foram-se!... *(affas-*

tando-se vagarosamente, e sahindo pela direita, a fallar só-sinho comtoda a pausa) Sim... porque eu destingo... se estabelecida a these... (*Perde-se-lhe a voz nos bastidores*).

1.º CAMPONEZ, ao fundo na dança; as violas e as rabe-cas redobram de animação.

O' sôra Maria, venha de lá mais uma cantiga...

1.ª CAMPONEZA, cantando.

Quem quizer cantar de amores
não venha no meu caminho,
sou rosa, tenho cem folhas,
e em cada folha um espinho.

Eu sou filha do Mondego...

Interrompendo-se, quando apparece Leonor entrando pela direita.

SCENA III.

OS MESMOS, LEONOR E DIOGO BARRADAS.

Leonor vai a atravessar a scena em direcção á igreja. Vem pensativa e meio triste. Veste de preto com grande simplicidade; desappareceram os seus modos orgulhosos, falla a todos com meiguice e doçura. Diogo Barradas segue-a a distancia. Quando elles entram, estabelece-se de subito um silencio geral; cessam as danças, e os camponezes tiram os chapêos para comprimentarem a Morgadinha.

LEONOR.

Não se cantava aqui? Porque emmudecem quando eu passo? (*Dirigindo-se á 1.ª camponeza*) Bem te ouvi de longe. Tu és a alegria das festas, já sei. Onde ha vida e animação lá surges tu. E's como um passarinho; qualquer rumor festivo te desafia o canto. Já escolheste noivo?

1.ª CAMPONEZA.

Ai! Sra. Morgadinha, ninguem me quer.

LEONOR.

Ou tu a ninguem queres! Ai que toutinegra estouvada!

Deus te fade bem, Maria. (*Dirigindo-se á 2.^a camponeza que está affastada dos dançadores contemplando o grupo com tristeza*) E tu sempre triste, Rosinha! Rosinha! Quem te pôz esse nome? tu não és rosa, és o goivo das romarias. Tens teu pae doente não é assim?

2.^a CAMPONEZA, a chorar.

Tenho, sim, minha senhora! Vim rezar á Senhora dos Milagres para vêr se m'o põe bom.

LEONOR.

É salvação a fé! Confia em Deus, e volta mais jubilosa para casa. (*Em voz pouco mais baixa*) Amanhã irei vêr teu pái, descança que nada lhe hade faltar. (*Fugindo brandamente com a mão que a camponeza soluçante lhe banha de lagrimas*) Dancem, cantem; quando estão sãs as consciencias. a alegria é reza. (*Sobe os degrãos do adro, sempre seguida por Diogo Barradas, e entra na igreja*).

SCENA IV.

OS MESMOS, MENOS LEONOR E DIOGO BARRADAS,
DEPOIS LEONARDO, JOSÉ FELIX,
MUSICOS, CAMPONEZES, ETC.

Apenas Leonor sae, os camponezes formam-se n'um grupo só que desce um pouco mais a scena; olham espantados uns para os outros.

1.^o CAMPONEZ,

Que mudada que ella está!

1.^a CAMPONEZA.

Parece uma Senhora das Dôres.

2.^o CAMPONEZ.

E então que meiguice.

2.^a CAMPONEZA, ainda lavada em lagrimas.

A Sra. Morgadinha sempre foi boa e meiga.

1.º CAMPONEZ.

Pois sim, mas que maneiras !

UM RAPASITO, correndo do fundo com grande entusiasmo.

Ahi vem o *estrondo* ! Ahi vem o *estrondo* mais os mordomôs.

TODOS, dispersando-se.

O estrondo ! o estrondo ! (Correm ao fundo agrupando-se caprichosamente para deixar passar o estrondo e os mordomos por entre as alas que formam.)

Entra uma orchestra, que vem do fundo, suppondo-se que sae do lado esquerdo da igreja ; compõe-se principalmente de um zabumba, de uma gaita de folles, de uns ferrinhos, violas, rabeças e outros instrumentos. Tocam com grande desafinação. Seguem-se os mordomos, dous dos quaes são Leonardo e José Felix, vestem casaca espetadas, o chapéo tricornio que se usava nos fins do seculo passado. Ar grave o digno, passo vagaroso. Todos acolhem o *estrondo* com grande gritaria e applauso.

1.º CAMPONEZ.

Vivam os nossos mordomos, que fizeram uma festa como nunca se vio !

2.º CAMPONEZ.

Que boa festa ! que musicata !

1.º CAMPONEZ,

Parabens sô Leonardo ! O sermão foi cousa rica !

TODOS.

Vivam os mordomos !

O *estrondo* atravessa a scena em direcção aos bastidores da direita, e sae juntamente com os mordomos, e acompanhado por uma grande parte do povo, que durante a scena seguinte despeja completamente o palco, Leonardo, quando vai a sahir, dá de rosto com o Capitão-mór que entra tomando uma pitada, como quem veio de passeio ver a romaria.

SCENA V.

PEDRO PAULO, LEONARDO, DEPOIS LUIZ.

PEDRO PAULO.

Olá, sô Leonardo, como vem pimpão! Falle á gente, homem de Deus.

LEONARDO, respeitoso, tirando o chapéo.

O Sr. Capitão-mór veio vêr a nossa pobre romaria?

PEDRO PAULO.

E' verdade; fica-me á porta, como estou agora em casa de minha irmã. Que estive na festa, olé!

LEONARDO.

E V. S. ficou satisfeito?

PEDRO PAULO.

Sim senhor, tudo com muita ordem. De que eu não gostei foi do sermão.

LEONARDO.

Não gostou?

PEDRO PAULO.

E' verdade; achei que tinha pouco latim.

LEONARDO.

V. S. sabe latim?

PEDRO PAULO, que vai a tomar uma pitada, suspende-a a meio caminho no nariz, pasmado da pergunta; depois de breve pausa.

E você, sô Leonardo, sabe?

LEONARDO.

Eu não senhor.

PEDRO PAULO, tomando a pitada tranquillamente.

Nem eu.

LEONARDO.

Ah !

PEDRO PAULO.

Pois então ! Sermões que eu entenda, tambem eu os sei fazer... Olhe lá, sô Leonardo, seu sobrinho é que havia de ser um famoso p régador.

LEONARDO.

Porque, Sr. Capitão-mór ?

PEDRO PAULO.

Porque esse falla latim, até quando falla em portuguez.

LEONARDO, suspirando.

Não entendo aquelle rapaz, Sr. Capitão-mór; sae lá do palacio sem acabar o seu trabalho, entra-me em casa como um foguete, e depois cáe-me n'uma tristeza...

PEDRO PAULO.

Não faça caso, isso é influencia dos astros; minha; sobrinha tambem tem d'essas luas; agora anda ella ma-cambusia...

LEONARDO, interrompendo-o e proseguindo a sua ideia.

Não come...

PEDRO PAULO, fallando ao mesmo tempo.

Não come... *(Olham um para o outro espantados. Ao mesmo tempo Luiz passa ao fundo, vindo da direita, melancolico e vagaroso. Atravessa a scena e dirige-se para a igreja. Deixa-se estar á porta, um pouco para dentro, mas de modo que o espectador lhe distingue o vulto.)*

LEONARDO, para Pedro Paulo.

Ahi o tem. Veja como elle anda.

PEDRO PAULO, rindo.

Tal qual como minha sobrinha. Olhe que, se o rapaz vestisse saias, sempre eram duas Magdalenas. (*Tira a caixa e offerece uma pitada a Leonardo, que aceita*).

LEONARDO.

Mas o peor é que...

PEDRO PAULO, tomando tambem uma pitada e fallando ao mesmo tempo que Leonardo.

E então depois... (*interrompendo-se para Leonardo*) Diga lá.

LEONARDO, respeitosamente.

Depois de V. S.

PEDRO PAULO.

Desembuche... (*Espirram ambos ao mesmo tempo, e depois do espirro ambos vão para fallar ao mesmo tempo tambem*).

LEONARDO.

Trata mal a noiva.

PEDRO PAULO.

Trata mal o noivo. (*Estacam sorprendidos e meio irritados. O Capitão-mór continúa dirigindo-se a Leonardo*). O' sô Leonardo, você parece que me está a arremedar.

LEONARDO, exaltado.

O Sr. Capitão mór é que parece que me está tirando as palavras da bôca.

PEDRO PAULO, ainda meio zangado.

Pois se eu ia-lhe dizer que a mania de minha sobrinha é fallar ao Rodrigo por cima do hombro, e não querer saber de casamento...

LEONARDO, de igual modo.

E eu ia-lhe contar que meu sobrinho trata a Mariquinhas com frieza, e já nem falla em se casar...

PEDRO PAULO, estupefacto.

Essa agora !

LEONARDO, pensativo.

É celebre !

PEDRO PAULO, desatando a rir.

Tem ambos a mesma doença. O' sô Leonardo, olhe que par que alli estava, hem ?

LEONARDO, pensativo e destrahido.

É verdade.

PEDRO PAULO, continuando a rir.

Ora não ha uma cousa assim... E o caso é que me fui demorando com a tal conversa; ainda quero dar por ahi uma volta, e vai-se-me fazendo tarde. Adeus sô Leonardo.

LEONARDO, distrahido.

Um seu criado, Sr. Capitão-mór. (*Pedro Paulo sáe vagarosamente pela direita*).

SCENA VI.

LEONARDO, LUIZ ao fundo.

LEONARDO, depois de um instante de silencio.

Mas então isto que quer dizer?... E a minha pobre Mariquinhas... (*Olhando para a igreja*). Aqui ha cousa... (*reflectindo, e depois olhando outra vez*). Eu é que já os não perco de vista. (*Sóbe os degráos do adro, snspende-se á porta a conversar com Luiz, e depois entra*).

SCENA VII.

LUIZ, só.

A scena conserva-se algum tempo deserta, vendo-se apenas a meio o vulto de Luiz á porta da igreja. Vai a descair a tarde, e o crepusculo a cerrar-se. Em quanto o palco está ermo, ouve-se o orgão que principia lá dentro a entoar as melodias sagradas. Luiz desce os degraus do adro e encaminha-se ao proscenio. Com voz entre-cortada, e agitado.

Sempre, sempre esta visão fatal a perseguir-me. No sonho, na vigilia, em toda a parte a vejo, a sigo, a adoro. Como me entrou no coração este amor, que não posso arrancar, sem arrancar o coração e a vida? Se eu me fizesse monge... Encontraria no silencio do mosteiro a paz do coração? Oh! para ser monge, falta-me a fé. A fé! sem esse bordão, a que se amparam os simples e os bons, o que és tu no mundo, orgulhoso? ludibrio da primeira paixão que te agita. No seio de Christo encontram elles a resignação e o conforto. (*Estendendo os braços para a cruz*). Ó Christo, se realmente proferiste a sublime palavra, « Bemaventurados os que choram », manda-me no orvalho das lagrimas as consolações da fé. Dizem que os algozes que te desprezavam, que zombavam de ti, que te coroavam de espinhos, enviavas ainda no extremo arranco palavras de amor e de perdão; oh! creio, creio em ti, porque a mim tambem me cercam de espinhos, tambem me calcam aos pés, tambem me cospem ás faces o desprezo e o insulto, e á mulher, que assim me avilta, não lhe perdôo só, mas amo-a cada vez mais com um amor ardente, louco, dilacerante, ó Christo ó Deus! (*Cae banhado de lagrimas, cingindo com os braços a cruz. O orgão continúa a suspirar plangente dentro da igreja*).

SCENA VIII.

LEONOR, E LUIZ.

Leonor desce vagorosamente os degraus do adro, e encaminha-se pensativa para os bastidores da direita. Ao passar junto da cruz, repara n'um vulto que jaz prostrado com a cabeça nas mãos, affirma-se, e, reconhecendo Luiz, e dirigindo-se para elle vagorosamente, toca-lhe de manso com a mão no hombro.

LEONOR, com brandura.

Um discipulo de Voltaire ajoelhado aos pés da cruz!

LUIZ, erguendo-se de subito, desvairado, pallido com o cabelo em desordem, e com estranho fulgor no olhar.

A cruz é o amparo dos que padecem.

LEONOR, com meigas inflexões na voz.

E padece? por minha causa, não é verdade? Fui injusta, bem sei, nas phrases que soltára ao vento, de certo para defastio, quiz eu vêr uma offensa. Era cruel, sinto-o agora. Esqueçamos isso, e sejamos amigos bons e leaes, sim?

LUIZ, impetuoso.

Oh! não! não esqueça, porque a offensa persiste, se é offensa o amor. (*Supplicante*) Deixe-me fallar pela ultima vez, e mate-me depois. (*Ouve-se de novo o som do orgão, suave muito frouxo*). Vim aqui para vêr se na atmosphaera do templo encontrava o esquecimento das paixões humanas. Deparou-se-me o seu vulto no meio da nave silenciosa onde volteiava o incenso, onde um raio de sol poente bordava com tibia luz o manto das primeiras sombras. Envolta em negras roupas, ajoelhada e pensativa, pareceu-me um anjo, prestes a voar da terra n'esse raio do sol a que a envolvia como que a chamal-a a si. E eu, profano, a esquecer-me de Deus, da consciencia, de tudo, para só a vêr e a amar! Oh! que perdido homem eu sou! que coração sem dignidade que ainda se roja a seus pés a provocar despezos! Fugi porque sentia tentações de a arrancar dos pés do altar, e leval-a comigo para solidões desconhecidas! Fugi para vir aqui lançar nos braços da cruz um coração dilacerado, para offerecer a Deus n'um grito d'angustia este amor que é um martyrio.

LEONOR.

E Deus ouvi-o de certo! Quando o orgão gemia na quasi solitaria igreja, debalde eu tentava alar o espirito ás mysticas regiões. Invadia-me ignota sensação em que se confundia a dôr e jubilo! (*Em voz baixa e fremente*) e nem ousou dizer-lhe, Luiz, qual era a imagem que me escondia o altar.

LUIZ, afastando-se atterrado, e estendendo para ella os braços, como que a desvial-a.

Oh! por piedade, não zombe de mim, não zombe... olhe que me mata, creia que me mata.

LEONOR, deixando cahir os braços e mostrando o rosto banhado de lagrimas.

Zombar, eu!... Quando sahi da igreja, e me achei face a face com o templo immenso da natureza, pareceu-me ouvir no pulsar do coração uma docê harmonia que se casava com o suavissimo concerto do crepusculo. E os hymnos da tarde, os murmurios vagos que são as accções de graças da creação a Deus, pareciam dizer-me: Suspiras? é a juventude que em ti clama; sonhas? é a visão do paraizo que todos entrevemos na terra; sentes uma anciedade ignota? é o amor que té curva emfim ao seu imperio. E o coração, repetindo como um echo estas vozes indefiniveis, parecia dizer-me cá dentro: é a juventude que desperta, o paraizo que resplende, o amor que te illumina.

LUIZ que se aproximou d'ella attrahido pela magia da sua voz, tomando-lhe a mão quasi delirante de ventura.

Oh! falle! a sua voz é uma harmonia, a sua palavra é um cantico, falle! ainda, ainda. *(Leonardo sáe n'este momento da igreja, procurando emtorno de si, e divisa o grupo dos dous. Fica um instante a contemplal-o, e depois, fazendo um gesto de ameaça, sáe pela direita).*

LEONOR.

Impellia-nos Deus um para o outro. Agora o meu orgulho cifra-se em te dizer na solidão, como te diria diante do mundo inteiro: Amo-te Luiz.

LUIZ, louco de jubilo.

E' pois verdade? Sou amado? E dizia eu que soffria! Insensato! mas onde ha no mundo martyrios tão crueis que possam pagar a ventura d'este momento?

LEONOR, pondo-lhe a mão na boca.

Silencio ! Ouves além a musica a brotar do seio da noute ? E' a canção descuidosa que a camponeza entôa ao acaso, hymno nupcial com que a Providencia nos affaga. *(Desde o meio d'esta scena fechou-se a noute completamente. Illuminaram-se as altas janellas da igreja. De quando em quando ergue-se a frouxa melodia do orgão acompanhando o dialogo com o seu melancolico rythmo. Quando Luiz acaba a precedente falla, ouve-se ao longe o plangente ritornello de uma ballada popular. Depois uma voz feminina entôa os seguintes versos, que os dous escutam em silencio.*

UMA VOZ, ao tonge.

Brotaram nas duas campas
duas roseiras a par ;
e quando o vento as beijava
iam-se as rosas beijar.

As almas dos dous amantes
alli se estão a abraçar.
Tanto se amaram na terra !
Não os quiz Deus apartar (*).

(Até ao fim da scena ouve-se sempre vagamente a melodia da ballada).

LUIZ, attrahindo para si brandamente Leonor, que deixa pender a cabeça sobre o hombro d'elle.

O' meu doce amor ! A canção a que tu chamaste o nosso hymno nupcial, só falla de nupcias no tumulo ! Mas agora desafio a desgraça e a morte.

LEONOR, assastada.

Luiz !

(*) Exigencias de scena obrigaram-me a condensar estas duas quadras n'uma só, que é a seguinte :

Nas campas dos dous amantes
brotam roseiras a par.
Tanto se amaram na terra !
Não os quiz Deus apartar !

A musica d'esta ballada, que produzia no theatro um delicioso effeito, é do maestro Angelo Frondoni, cujo talento sabe afinar tão bem as suas composições n'este genero pelas melancolicas melodias, filhas da inspiração popular.

SCENA IX.

OS MESMOS, LEONARDO, PEDRO PAULO E RODRIGO.

Os tres entram precipitadamente pela direita; quem serve de guia é Leonardo. Aponta para o grupo formado por Leonor e Luiz indicando-os aos seus dous companheiros, que param estupefactos. Luiz, ao vê-los, recua desembaraçando Leonor. Esta volta-se impetuosa e espantada.

LEONOR, dirigindo-se aos tres, que olham para ella em silencio.

Que quer isto dizer?

LEONARDO.

Vinhamos vêr onde V. Ex. estava.

LEONOR.

Andam-me por acaso espiando! Quem teve a idéa? *(avançando para Leonardo)* Foste tu, Leonardo?

LEONARDO, á parte.

Mão. *(alto)* Eu.. minha senhora... *(passa por traz dos seus dous companheiros)*.

LEONOR, ironica.

Foi meu primo quem me fez essa honra?

RODRIGO, enleiado, e fazendo uma mesura de côrte.

Minha formosa prima... *Engasga-se e safase por traz do Capitão-mór, que fica sósinho, e impertigado diante de Leonor*).

PEDRO PAULO, de má catadura.

Supponhamos que fui eu... Onde está o Diogo Baradas?

LEONARDO.

Está a dormir na igreja, o maldito.

LEONOR, sêccamente.

O tio julga que tenho mêdo de andar sósinha?

PEDRO PAULO, sem lhe responder, para Luiz.

Vocemecê agora é escudeiro lá de casa.

LEONOR, suspendendo com um gesto Luiz, que vai indignado dar um passo para o Capitão-mór.

Este senhor, se nos fizer a honra de entrar em nossa casa, ha-de ser com um titulo de certo muito superior ao de escudeiro, e eu não desejo, meu tio, que sejam insultadas as pessoas que me acompanham. (*Vendo que Pedro Paulo indignado vai a interrompê-la*) Oh! sei quanto poderá dizer sobre as minhas loucuras; mas, imprudentes ou não, tomo sempre a responsabilidade das acções que pratico, e só devo conta d'ellas a minha mãe, só a minha mãe.

PEDRO PAULO, suffocado, faz esforços infructuosos para fallar e a final consegue ligar estas palavras:

Menina... eu sou seu tio... diante de gente...

LEONOR, sorrindo, com frieza.

E eu sou sua sobrinha... mesmo quando estou só.

SCENA X.

OS MESMOS, E DIOGO BARRADAS.

DIOGO BARRADAS, sahindo precipitadamente da igreja, atropalhado e attonito.

A Sra. Morgadinha... sabem onde ella está?

LEONARDO.

Está aqui, homem, está aqui... O' sô Diogo Barradas, quem não o fez guarda de vinhas não sabe o que perdeu.

DIOGO BARRADAS, cuja inquietação redobrou, vendo quaes são as pessoas que allí estão reunidas.

Eu... estava... a rezar.

LEONOR, affavel.

Chegaste bem a tempo, meu velho amigo. Vamos para a casa. *(Para seu tio)* Já vê que não vou só. *(Para Luiz)* As promessas que faço, mesmo tacitamente, costumo cumpril-as, sabe? Conte comigo, como eu consigo conto. *(Luiz inclina-se, enleiado. Leonor continúa dirigindo-se a Rodrigo)* Meu primo, é natural que minha mãe tenha amanhã de lhe fazer um pedido em meu nome. *(Rodrigo embaraçado faz-lhe um dos seus habituaes cumprimentos. Leonor sae, seguida por Diogo Barradas).*

PEDRO PAULO, que está assombrado, depois d'um instante de silencio, tira a caixa de rapé, e voltando-se para Rodrigo.

Então que dizes a isto ?

RODRIGO, balbucia, hesita e a final.

Digo que é... um tanto contra a etiqueta.

PEDRO PAULO, suspende a pitada, e fica embasbacado a olhar para seu filho. Depois d'um momento de silencio.

Olha lá ! eu sou bruto isso é verdade ; mas tu parece-me que és tolo. *(Toma a pitada e conclue)* Vamos embora. *(Sae pela direita. Rodrigo fica um instante parado e pasmado, seguindo seu pae com a vista; a final, como quem toma uma resolução, encolhe os hombros e sae apressadamente pelo mesmo caminho).*

SCENA XI.

LEONARDO E LUIZ.

Luiz está absorto n'um scismar profundo, como procurando discriminar os pensamentos tumultuosos que lhe agitam o espirito ; depois d'um instante de silencio Leonardo dirige-se para elle, e encarado-o fito, bate-lhe no hombro.

LEONARDO, simplesmente.

Vamo-nos embora, Mariquinhas está á nossa espera.

LUIZ, estremecendo.

Mariquinhas !

LEONARDO.

Tinhas-te esquecido d'ella ? Não admira ; a pobre rapariga é das que morrem sem proferirem uma queixa, e olha que são essas, as silenciosas, as que morrem mais facilmente quando lhes despedaçam o coração.

LUIZ, á parte.

O' Deus do céu.

LEONARDO, de subito.

Olha lá, eu tinha-te na conta de um homem leal. Enganei-me ?

LUIZ, levantando a cabeça, ressentido.

Meu tio !

LEONARDO.

Bem ; bem ; logo vi que tu não eras homem que andasses cobiçando as riquezas e as nobrezas da Morgadinha.

LUIZ, pallido de indignação e avançando para Leonardo.

Quem diz semelhante infamia ?

LEONARDO, tranquillamente.

Ninguem ; mas todos a diriam se tivesses artes de fazer com que a Morgadinha se namorasse de ti e quizesse casar contigo.

LUIZ, com os dentes cerrados.

E alguem ha que me julgue capaz de aceitar da familia da Morgadinha uma migalha só que seja dos seus dotes e das suas legitimas ?

LEONARDO.

Pois então que havias de fazer ? Havias de obrigar a fidalga a passar privações ? Querias sustental-a com o

teu trabalho? Olha, eu não sou homem lá de republicas, nem d'outras tolices que te fervem na cachimonia, mas, apesar de ser do povo, também gosto de trazer a minha cabecinha direita. Não era eu que entrava nem á força nem por favor n'uma familia de fidalgos; dêmos que não me importasse com o desprezo que elles me mostrassem, tarde ou cedo havia de sentir o meu proprio desprezo. Fugias com a rapariga, dizes-me tu. Não sei se sabes, meu republicano, que por cá para os plebeus que fazem d'essas ainda há cadeias e Costa d'África. Fugias para o estrangeiro? Com que cara olharieis um para o outro, quando a tua consciencia e a consciencia d'ella despertassem, mostrando-vos em Portugal dous cadaveres, porque nem a tua noiva nem a Morgada resistiam de certo a esse golpe terrivel?

LUIZ, em cuja physionomia se foi lendo o desengano, a dôr, todas as commoções produzidas pelo que lhe diz Leonardo.

Oh! a realidade!

LEONARDO, cuja physionomia tomou certa dignidade, a palavra certo calor, e que tem os olhos rasos d'agua, e a voz trémula de commoção.

Não te prendas com tudo, e não estejamos com dis farces! Esse acto que o teu juizo e a tua consciencia julgam de certo loucura e infamia, esse acto vais commettê-lo já que é sorte, e ninguém foge ao destino, Mas olha, Luiz, se ainda me tens algum affecto, se depois de tratares com fidalgos, ainda te resta alguma sombra da nossa lealdade rustica, Luiz, não nos mates a fogo lento, chega ao pé de Mariquinhas, e dá-lhe com affoiteza a punhalada. (*Com a voz soffocada.*) Depois volta costas e foge, e não tenhas mêdo, que ella não dá um passo para te segurar... se morrer paciencia! não lhe hei-de sobreviver muito tempo, e não levo saudades do mundo, que ha por cá muitos ingratos (*Depois de procurar dominar a sua commoção, n'um momento de silencio, exclama com resolução.*) Vamos! (*Vendo que Luiz permanece, abstracto com o olhar vago e attonito sacode-o dizendo:*) Que tens tu, homem? Estás a dormir?

LUIZ, voltando-se para elle, como se effectivamente despertasse, e lançando-se-lhe nos braços debulhado em pranto.

Estive a sonhar, meu pae... mas acordei. (*Leonardo aperta-o ao coração confundindo com as d'elle as suas lagrimas.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

O mesmo scenario que no segundo acto.

SCENA I.

LUIZ E DIOGO BARRADAS.

DIOGO BARRADAS.

Estava agora mesmo para ir a sua casa avisal-o de que a Sra. Morgada lhe desejava fallar.

LUIZ, de chapéo na mão, como quem entrou n'esse instante; modo preocupado e sombrio.

Poupei-lhe o trabalho, como vê; eu tambem tenho precisão de fallar á Sra. Morgada, e vinha perguntar quando me podia ella receber.

DIOGO BARRADAS.

É natural que seja immediatamente; em todo o caso vou prevenil-a. (*Sahida falsa*).

LUIZ, quando elle já está proximo da porta.

Perdão, Sr. Diogo Barradas, tem a bondade de me dizer se minha prima veio ao palacio?

DIOGO BARRADAS.

A menina Mariquinhas? Está com a Sra. Morgada.

LUIZ, para si mesmo.

Bem me pareceu vê-la de longe entrar o portão

DIOGO BARRADAS.

Trouxe um bordado que a Senhora lhe encommendára ;
olhe que sua prima sempre tem mãos de fada...

LUIZ, interrompendo-o.

Eu á Sra. D. Thereza desejo fallar... sem testemunhas.

DIOGO BARRADAS.

Bem entendido ; faz favor de esperar. (*Sae. Luiz pas-
seia um instante pensativo, põe depois o chapéo em cima
da meza, e senta-se n'uma cadeira, com a cabeça encostada
á mão, immerso em profundo e sombrio scismar. Momento de
silêncio*).

SCENA II.

LUIZ E D. THEREZA.

D. THEREZA, entra pela direita, por onde sahio Diogo
Barradas. Vem grave, digna e severa. Passando por
diante de Luiz, que se levantou para a cumprimentar,
corresponde-lhe com uma cortezia toda de etiqueta,
fria e senhoril, e vae sentar-se n'uma cadeira. Depois
d'uma pausa, para Luiz com um gesto indicativo,
friamente.

Queira sentar-se. (*Luiz senta-se*). Eu tenho de cumprir
agora um dever que não deixa de ser penoso. Quando
o Sr. Luiz sahio de minha casa de um modo um tanto
insolito, o que eu lhe desculpei, porque entendi que
havia motivos para não estar aqui satisfeito, confesso
que não esperava ter de ouvir da bôca de minha filha
o que ella ainda hontem me communicou. (*Breve pausa.
Continúa depois de ter vencido um certo esforço*). O Sr. Luiz
abusou da imaginação exaltada d'essa menina...

LUIZ, levantando-se e pondo a mão enciespada nas costas da cadeira em que estava sentado, dominando-se.

Tomo a liberdade de interromper a V. Ex., para lhe poupar o desgosto de me fazer uma offensa gratuita, e pelo menos escusada. Como o seu escudeiro naturalmente lhe disse, eu, antes de ser chamado por V. Ex., já vinha para lhe fallar, e o motivo da minha vinda era o dar-lhe parte do meu proximo casamento com minha prima.

D. THEREZA, levantando-se tambem estupefacta e balbuciante.

Como... como... então... o que minha filha me disse... mas... não entendo. (*Pondo as mãos*) Ai! esta gente moça cuida que nós os velhos temos ainda as nossas pernas de vinte annos para os acompanhar-mos nas suas doudas carreiras. (*Com pausa*) Expliquemo-nos melhor... Leonor disse-me...

LUIZ, muito commovido.

O que Leonor... perdão, o que o Sra. Morgadinha lhe disse, dictou-lh'o a fina bondade d'aquelle espirito. que atravessa o mundo sem lhe comprehender nem uma só das pequeninas exigencias. Na sua altiva independencia, não sabe ella que na terra até o orgulho é escravidão. Eu sou menos desculpavel. Os meus trinta annos deviam-me acautellar contra illusões perigosas. De sua filha separava-me um abysmo; por cima d'esse abysmo via dirigir-se para mim serena e meiga porque tinha as suas azas d'anjo; quiz ir ao seu encontro, e cahi. A quéda foi profunda. Será grande a penitencia como foi grande a culpa. Duas pás de terra em cima do doudo que desabou, e ninguem mais se lembra da ambiciosa tentativa.

D. THEREZA.

Quem podia advinhar semelhante cousa. Mas que loucura a sua! Como ousou erguer tão alto as suas vistas?

LUIZ, com surda impaciencia.

Oh! não seja cruel, minha senhora... Que mais que-

rem de mim? Não offereci o meu coração em holocausto ás leis do mundo? não me deixei esmagar pelo carro ovante do preconceito? Querem o sacrificio mais completo? a expiação mais amarga? Tenho a ventura nas mãos, e deixo-a fugir para obedecer nem sei se á voz da consciencia, se ao clamor insensato da sociedade! e ainda não estão contentes, ainda vêm prescrutar o meu fôro intimo, e perguntar-me altivos: Desgraçado, porque sonhaste? Martyr, porque aspiraste á vida? Plebeu, porque te julgaste um homem?

D. THEREZA, commovida.

Não supponha que sou ingrata, comprehendendo a extensão do seu sacrificio, a nobreza do seu procedimento, e agradeço-lhe muito, muito o ter-me livrado d'um embaraço cruel... (*Occorrendo-lhe de subito uma idéa*) Embaraço!... Ah! mas para que havia de vir perturbar tão cruelmente o coração de minha filha?... como hei-de eu convencil-a? como hei-de restituir-lhe o socego?

LUIZ, dando um passo para D. Thereza.

Ella! ah! esperava que fosse uma illusão do meu orgulho; mas a verdade é essa; não padecerei eu só... tambem ella padecerá; onde eu pago as culpas da minha loucura, expiará aquelle anjo a sua generosidade immensa... oh! isso não póde ser. (*agitado*) Poupe-mos-lhe essa dôr; faça com que ella me despreze, sacrifique-me, crimine-me, diga-lhe assim: Olha, bem vês, sempre era plebeu! pois elle tinha lá espirito capaz de te comprehender, coração onde a tua imagem coubesse! Perdeu-te, e nem soube morrer, o desgraçado, o infame! Ainda todo inundado com a luz do teu olhar, foi ajoelhar com outra no templo onde te vira; despreza-o, filha, despreza aquella alma tão vulgar que esteve instantes no céo, e pôde voltar á terra.

D. THEREZA, forcejando por socegal-o.

Então... então...

LUIZ, com a voz cheia de lagrimas que procura reprimir em tom brando e supplicante.

Mas se um dia, sem perigo, quando eu já não exis-

tir, e ella viver feliz e respeitada, lhe puder fallar em mim, oh! pague-me todo este sacrificio com uma palavra só. Diga-lhe: Sabes, filha, aquelle doudo levava-te no coração, era um covarde, não o fadára o destino para as lutas da vida, mas amou-te sempre até que Deus lhe fez a graça de o levar para si. E, se ouvindo isto, uma nuvem lhe correr na fronte pensativa, se uma lagrima só... (*Forceja debalde por completar a phrase e não podendo fallar de suffocado, volta-se com um gesto de despedida e vae a sahir*).

D. THEREZA, commovida, e contendo-o.

Porque se envergonha de chorar diante de mim? Sou mãe d'ella, e não hei de saber quanto custará perdê-la?

LUIZ, escondendo o rosto nas mãos.

Ah! como eu padeço!

D. THEREZA, muito commovida.

Animo, filho, então! Quando chegar ao occaso da vida, e, voltando os olhos para esta quadra tempestuosa, lhe disser a consciencia que soube cumprir um dever, ha de sentir uma consolação sublime e uma legitima ufania. O seu coração é nobre, Sr. Luiz, e muitos fidalgos lh'o deveriam invejar. Mas as leis do mundo são severas, e devemos sujeitar-nos a ellas. Sou eu a primeira a sentil-o, porque folgaria, Deus o sabe, de lhe abrir os braços. Mas não é ao preconceito que obedeco, é ao proprio Deus, que até no céo instituiu gerarchias. (*Luiz ouve-a respeitoso, mas com um triste sorriso a fluctuar-lhe nos labios*). A procella já lá vai. Lembre-se de que uma pobre criança innocente lhe confia a sua ventura, é a outra face, e de certo a mais séria, do dever que está cumprindo. Adeus. Se fosse sua mãe, não podia ser mais sua amiga. (*Sae commovida, mas sempre grave e magestosa*).

SCENA III.

LUIZ, só. Conserva um instante a cabeça apertada nas mãos, e, deixando-as escorregar vagarosamente pelas faces, exclama com voz cava e profunda.

E tudo isto é um sonho de que tenho de me apar-

tar para sempre ! Nunca mais verei aquella dôce imagem, que um instante se sorrio para mim, e com esse ephemero sorriso illuminou a minha vida inteira. (*Sacudido*) Nunca mais ? Pois eu não a tornarei a vêr ao menos uma vez ? É impossivel. Espero-a aqui. E o que lhe digo ? Nem sei. Tomo-lhe as mãos em silencio, encho os olhos com a sua imagem, e fujo, ou talvez Deus me conceda a suprema ventura de me matar a seus pés. (*Mudando de tom*) Mas que loucuras são estas ? Procuro por acaso esquivar-me ao sacrificio ? Se eu lhe torno a fallar, se a torno a ouvir, onde ha ahi dever que possa arrancar-me de junto d'ella ? (*Dirige-se para a porta, arrebatado, e suspende-se. Com resolução*) Partamos. (*Suspendendo-se de novo*) Não pulses, coração. (*Olhando em torno de si*) Fatal palacio, onde entrei isento e desdenhoso, e que és hoje para mim o paraizo vedado, como posso eu deixar-te ? Deixar-te é deixar a vida, e o suicidio é um crime. O dever ? Mas o dever é amal-a (*com um grito de desespero*) e matar a outra, não é assim ? e aviltar-me, e calcar aos pés a consciencia, os juramentos, o pundonor ? Voz maldita que bradas dentro em mim, porque não hei de eu suffocar-te ? Deixame respirar um momento. Ah ! não posso, enlouqueço ; adeus, mocidade, amor, ventura, adeus ! adeus ! (*Corre, tapando as faces com as mãos, direito á porta do fundo, que se abre de subito, entra Mariquinhas, correndo cheia de jubilo, a bôca cheia de riso, os othos cheios de ventura. Luiz recua destairado diante d'ella, como diante d'uma aparição*).

SCENA IV.

LUIZ, E MARIQUINHAS.

MARIQUINHAS, não podendo conter o jubilo que a inunda, e fallando com uma volubildade infantil.

Ah ! sempre o encontrei, meu primo ! Então é verdade o que a Sra. Morgada me disse agora mesmo ? O primo casa comigo ? Ah ! como eu sou feliz !

LUIZ, desvairado, sem atinar com o que lhe responda, e seguindo os pensamentos que lhe tumultuam na cabeça.

És feliz!... ah! sim... tu... és feliz.

MARIQUINHAS, com certa gravidade.

Bem sei que não lh'o devia dizer, meu pae sempre m'ó aconselha, mas quero uma vez ao menos deixar fallar o coração. Ah! talvez, se eu tivesse seguido o impulso da minha alma e logo lhe houvesse dito com quanto prazer aceitava a offerta do seu amor, talvez não padecesse tanto, e estivesse ha muito tempo realisada a nossa ventura. (*Com meiguice.*) Posso dizer nossa, não é verdade? O primo tambem se sente feliz?

LUIZ, amargamente.

Oh! muito... muito feliz... ah! se tu soubesses quanto eu sou feliz...

MARIQUINHAS, em tom de meiga reprehensão.

Podia duvidar, porque enfim, quando o primo voltou agora para casa, ninguem havia de dizer que era o mesmo que me fallára em amor.

LUIZ, com a cabeça perdida.

Tinha-te fallado em amor, não é verdade?... Ah! eu sempre sou muito infame, não achas?

MARIQUINHAS, estupefacta.

O que?

LUIZ.

Douo... douo... é que eu sou...

MARIQUINHAS, já meia afflicta.

Douo por me dizer meigamente que me tinha affecto, por me jurar...

LUIZ, com impeto.

Oh! cala-te, desgraçada, não me falles em amor, não me falles em amor aqui... oh! por piedade!...

MARIQUINHAS, meio chorosa.

Mas, primo, o que é isso, o que é...?

LUIZ, apertando a cabeça com as maos, e procurando socegar.

Nada... póde vir alguém... olha, vae para casa... depois... (*Com arrebatamento.*) mas agora deixa-me, oh! deixa-me por compaixão.

MARIQUINHAS, desatando a chorar.

Ah! o primo não me tem amor!

LUIZ, fazendo um violento esforço. Á parte.

Estou louco, oh! se estou! (*Para Mariquinhas, pegando-lhe na mão, brandamente, mas ainda com certo desvairamento.*) Socega, menina, tenho-te amor, tenho, verás, mas agora preciso de estar só... depois te direi... mas vae-te embora sim?... Olha eu sou muito teu amigo, muito... mas muito... tu saberás como eu sou teu amigo... vae para casa... eu lá vou ter...

MARIQUINHAS, meio consolada.

Ah! primo, se me enganasse...

SCENA V.

OS MESMOS E LEONOR.

LUIZ, vendo Leonor que entra pela porta do fundo, e afastando-se rapidamente de Mariquinhas. A' parte.

Ella... ó Deus de piedade!

MARIQUINHAS, vendo-a tambem, e dirigindo-se para ella com alvoroço.

Oh! a Sra. Morgadinha.

LEONOR, séria mas affavel.

Adeus, Mariquinhas.

MARIQUINHAS, a meia voz, para Leonor.

Não me dá os parabens? não sabe ainda? caso com meu primo.

LEONOR, com um sobresalto que não pôde reprimir.

Como?

MARIQUINHAS, com modo infantil.

É verdade, mas olhe, não estou contente. Elle parece afflicto, e não me quer dizer porque. Da parte d'um noivo é muito feio, não acha?

LEONOR, sem descrevar os olhos de Luiz.

De certo.

MARIQUINHAS, continuando.

Diz que deseja estar só, mas agora não tem remedio senão demorar-se aqui. Falle com elle, á Sra. Morgadinha responde por força, Veja o que elle tem, e ralhe muito, ralhe por elle não ter confiança em mim. E' que me julga uma creança, suppõe-me incapaz de guardar um segredo, e não sou. O segredo do meu amor quanto tempo o não guardei eu! Faz-me isto que lhe peço?

LEONOR, distrahida.

Sim.

MARIQUINHAS.

Vê, já vou mais tranquilla. Pouco basta para me socegar; se eu sou tão feliz!

LEONOR.

Ah!

MARIQUINHAS.

Adeus, Sra. Morgadinha. *(Para Luiz)* Até logo, meu primo. *(Luiz faz-lhe com a mão um gesto de despedida. Mariquinhas dirige-se para a porta do fundo, depois volta e diz baixo a Leonor)* Mas não o afflija muito não?

LEONOR.

Não. (*Mariquinhas vai correndo pela porta do fundo, depois de lançar uma ultima vista d'olhos para seu primo.*)

SCENA VI.

LUIZ E LEONOR.

Momento de silencio. Luiz, de cabeça baixa parece esperar a sua sentença. Leonor fica alguns instantes immovel no sitio em que Mariquinhas a deixára, cravando em Luiz um olhar frio, fixo, implacavel. Depois dirige-se vagarosamente para a porta lateral da direita, sem proferir uma palavra como se quizesse apenas atravessar a sala. Vendo-a disposta a sahir, Luiz são do torpor que parecia prendel-o, e dirige-se para ella enleiado e supplicante. A's primeiras palavras que elle profere Leonor pára quasi sem voltar a cabeça, e pousa uma das mãos nas costas de uma cadeira, sempre com o mesmo ar de impassibilidade altiva, com o socego ficticio que precede a procella.

LUIZ, quasi de mãos postas.

Leonor... minha senhora... Ah julguei que Deus me pouparia esta ultima provação. E' verdade, é verdade o que ouvio. Não é para mim a ventura. Sonhei um instante, logo me despertaram. Lembra-se da canção que ouvimos? Bem nos prophetisava ella. Nupcias entre nós, só no tumulo. No mundo ha as leis da sociedade, as leis da familia, um conjuncto de cousas absurdas e legitimas que se chama dever, e que desabam todas sobre o desgraçado que ousou revoltar-se contra uma d'ellas.

LEONOR, friamente, com voz sacudida e rapida, fallando um pouco por cima do hombro.

Ocorreu-lhe tudo isso agora?

LUIZ, com calor.

Tem razão, mil vezes razão. Fui um desgraçado que me esqueci por instantes de que o plebeu nem póde aspirar á ventura, nem póde desejal-a. O preconceito...

LEONOR, friamente, e com um toque de ironia.

Não me lembrava do preconceito... Foi o senhor que se lembrou... Ah!

LUIZ, como acima.

Percebo-a ; mas olhe que se illude, se imagina que me deixei arrastar pelo meu orgulho de democrata. Eu estava resignado a todas as humilhações, mas não pude supportar a idéa de a vêr por minha causa humilhada e affrontada.

LEONOR, ironica.

Muito bem !

LUIZ.

Oh! por compaixão, não me fulmine com esse tom de frígida ironia: olhe que eu padeço muito! Ha uma hora que estou entregando o coração a todos, para que m'ó dilacerem á vontade, enquanto eu devo conservar no rosto o sorriso do martyr. Agora podia talvez desaffogar um momento antes que o sacrificio se consummasse...

LEONOR, sacudida, interrompendo-o, e affastando-se d'elle.

Que sacrificio? Não vejo mais do que a realisação d'um casamento, ha muito ajustado, e que foi interrompido apenas por uma distracção passageira...

LUIZ, com amargura.

Distracção !

LEONOR, passeiando agitada, e parando por momentos.

Ou aposta. Foi com a sua noiva que apostou? Era o casamento o premio? Que triumpho! que victoria! Teve-me a seus pés, creio eu? E agora volta-se para mim, e diz: Ganhei! Desprezo-te. E' justo, é muito justo. Fui eu que me aviltei. Olhem que orgulho o meu, que bastam para o desfazer duas lagrimas hypocritas! Quem foi o confidente da sua gloriosa empreza? a quem foi que disse: « Vês aquella fidalga, toda soberba e isenção, pois hei de eu domal-a, hei de fazel-a descer do seu pedestal, arrancar-lhe a confissão de um amor que é um opprobrio, e quando ella, olvidando a sua gerarchia, as tradições da sua raça, tudo sacrificar

por minha causa, hei de repellil-a, e soltar-lhe na face incendida a gargalhada desprezadora? » Cumprio o seu dito, não o nego. Mostrou um profundo conhecimento do coração humano. Ah! como adivinhou bem que cebaixo da mascara da altiva Morgadinha estava apenas una pobre mulher, mais fragil do que as outras talvez, porque tinha uns instinctos de generosidade que haviam de perdel-a, porque, se a sua alma enthusiastica votava á nobreza um culto, devorava-a tambem a paixão do sacrificio.

LUIZ, seguindo-a, supplicante, desvairado, com lagrimas na voz.

Oh! em nome do céo, mate-me antes!

LEONOR, voltando-se, arrebatada, com amarga ironia.

Ah! tudo isso é escusado agora. Ganhou a partida: que mais quer? (*Com energia*) Ganhou, quem sabe? Pelo menos falta ainda a desforra. É certo que representou optimamente a comedia do amor e do desespero! Mas quem lhe diz que eu não representava tambem? Que, enquanto se estava rindo de mim, me estava eu rindo da sua credulidade? A hypocrisia póde não ser unicamente o privilegio da plebe. Olhe que é possivel que nos enganassemos ambos!

LUIZ, tristemente.

Ah! porque me tortura d'esse modo, torturando-se a si?

LEONOR, exaltada, com o fogo da colera e do desespero a fuzilar-lhe na vista, e quasi sem saber o que diz.

Duvida, Pois a verdade é essa. Olhe que eu nunca o amei, nunca, entende? nunca. E vem-me ainda participar o seu casamento?! Que me importa! Pois eu conheço-o lá, sei lá quem o senhor é. Vae casar? Case embora Todos os dias casam villões sem saber de tal. Disse-lhe que o amava? É verdade; aprouve-me um dia divertir-me á sua custa. Já me julgava rendida? Que vaidade! Amor, compaixão, colera, tudo aquillo era comedia (*deixando-se cair n'uma cadeira, de subito debulhada em lagrimas e escondendo o rosto com as mãos*) mas comedia que me mata!

LUIZ, caindo-lhe aos pés, louco de dôr.

Oh! que desgraçado que eu sou! Tu choras? Ah! todo o meu sangue para te poupar lagrimas!

LEONOR, levantando-se d'um impeto.

Chorar... eu? Quem lhe disse que eu chorava? (*não podendo reprimir o pranto*) Choro sim, mas são lagrimas de raiva, de desprezo, de odio! Pois que suppuáha? Ainda me queria vêr mais humilhada? O que faz aqui? Porque se demora? Saia de diante de mim (*com ira cada vez mais violenta*). Não ouve? Saia se não quer... (*indica-lhe a porta com um gesto de energica intimidativa*).

LUIZ, com profundo desalento.

Adeus! (*Dá um passo para a porta do fundo*).

LEONOR, correndo a elle n'um impeto.

Não saia; tome cautella! Ah! como já aproveitava o ensejo de se esquivar (*trazendo-o consigo ao proscenio*). O que! pois julgava que era só chegar, insinuar-se perfidamente no coração d'uma mulher, perturbar-lhe a sua vida inteira, dominar no seu espirito outros quaesquer pensamentos, arrancar-lhe a confissão de que ha na terra um ente por cuja causa está disposta a entrar em lucta com sua mãe, com todos os seus, e que bastava depois dizer-lhe que o dever, o mundo, o preconceito, eu sei! lhe impunham a obrigação de a desprezar, de a humilhar, de a desviar de si, para poder seguir tranquillamente o seu rumo anterior... oh! engana-se...

LUIZ.

Leonor!

LEONOR, sem o escutar, e com a voz cheia de lagrimas.

A nada mais se attende, não é assim? Ella que padeça em silencio, se o seu coração, que não sabe calcular, se entregou a esse sentimento fatal com toda a energia de que é susceptivel, que se resigne, que se console com a idéa do dever, das leis da sociedade, exactamente quando acabava de calcar essas leis para voar, n'um impeto d'abnegação, para quem de joelhos lhe implorava o amor!

LUIZ.

Ah! não me falle assim, se não quer que eu perca a pouca razão que me resta! (*Tomando-lhe as mãos n'um impeto cego*). Não vês que te amo mais loucamente do que nunca? não vês que uma palavra tua me arroja de novo ac abysmo?

LEONOR, com verdadeiro delirio.

Que te importa, se eu me arrojô a elle contigo! (*encostando ao hombro d'elle as mãos cruzadas com ternura desvaivada*.) Amas-me e hesitas ainda? Tudo o mais que vês? Ha aqui obstaculos que se oppõe ao nosso affecto! leis inflexiveis que não permitem o nosso enlace? Icccias a lucta? as reprehensões dos teus, os desprezos dos outros? Mas tens o meu amor, isso te basta. Fijamos ambos, vamos esconder bem longe de Portugal o nosso floreo ninho...

LUIZ, cingido-a com o braço, com uma exaltação selvagem.

Ah! caia sobre mim o desprezo do mundo, a maldição de Deus, persiga-me o remorso, esperê-me o inferno, mas agora é que eu te juro que ninguém te arranca dos meus braços, Fujamos. (*Faz um movimento para tentar arrastal-a*.)

LEONOR, procurando seguir o impulso que elle lhe dá, mas desfallecendo, prostrada por todas as commoções d'esta scena violenta.

Fujamos sim, fugamos (*Pesando cada vez mais no hombro de Luiz, que a ampara olhando para ella com desvaivamento e um principio de terror*.) Ou morreremos antes... era talvez melhor morrer... (*Cada vez mais desfallecida*.) Morrer contigo... era o socego e o jubilo... (*Soltando um grito*.) O' minha mãe! (*Cae desmaiada e com um espasmo nos braços de Luiz*.)

LUIZ, com a cabeça completamente perdida.

Jesus, que ella morre-me nos braços... Acudam, acudam!

SCENA VII.

OS MESMOS, D. THEREZA, depois successivamente PEDRO PAULO, RODRIGO, DIOGO BARRADAS, E CRIADAS

D. Thereza entra alvoroçada pela porta lateral da direita, seguem-a logo as criadas, depois por diferentes portas, e com alguns intervallos, Diogo, Pedro Paulo, e Rodrigues.

D. THEREZA, com sobresalto e afflicção.

O que é isto?

LUIZ, que levou Leonor para uma cadeira, em que a recosta, escondendo-a aos olhos do espectador. Para

D. Thereza.

Oh! salve-a! salve-a!

D. THEREZA, endireitando-se como uma leãoa diante de Luiz.

Matou-me a minha filha! *(As criadas rodeiam a cadeira, Pedro Paulo, que entrou n'este instante, azafanado, chega-se tambem. D. Thereza aproxima-se de novo de Morgadinha; com os prantos a embargarem-lhe a voz.)* Leonor, Leonor!

PEDRO PAULO, afastando-se, e tomando tranquillamente uma pitada.

Para que são tantos escarcéus? É apenas um desmaio. *(Para Diogo Barradas que entrou n'esse instante pelo fundo.)* Diogo Barradas, vá chamar o Doutor. *(Diogo Barradas torna logo a sair. Rodrigo entra n'esse momento, alvoroçado, e dirige-se a Pedro Paulo a perguntar-lhe o que succedeu. Conversam ambos em voz baixa, formando um grupo desviado do grupo principal, á direita, proximo do proscenio.)*

LUIZ, que tenta debalde approximar-se de Leonor, rodada pelas criadas, e por D. Thereza, que tentam reanimar-a, e a escondem ás vistas do publico. Supplicante para D. Thereza.

Mas não está morta, não?

D. THEREZA, erguendo-se diante d'elle com severidade.

Se o não está, não é por sua culpa. O que fazia ainda no palacio? Não sabe que não é aqui o seu lugar? Queira sahir.

LUIZ, de mãos postas.

Oh! mas socegue-me com uma palavra só...

D. THEREZA, severa.

E com que direito se interessa pela Morgadinha de Val-flor? Não tem ella junto de si sua mãe, todos os seus parentes? Não precisa dos estranhos. Saia; não faça com que eu de todo me arrependa da benignidade com que o tratei. (*Indica-lhe a porta com um gesto, e volta a occupar-se de sua filha. Luiz recua com desespero.*)

RODRIGO, para Pedro Paulo, mas em voz bastante alta de modo que Luiz o ouça.

Então cá por estes sitios a canalha costuma desobedecer ás ordens que se lhe dão?

LUIZ, voltando-se de subito, com a furia em que se expandem todos os sentimentos comprimidos.

Quem fallou aqui em canalha?

RODRIGO, dando um passo para elle.

Fui eu. (*Toda esta scena se passa exclusivamente entre Luiz, Rodrigo e Pedro Paulo. Os outros personagens, occupados com Leonor, não prestam attenção alguma ao que se diz á bôca da scena.*)

LUIZ, com jubilo feroz.

Até que afinal encontro um homem diante de mim! (*para Rodrigo*) Se com effeito é digno d'esse nome, se costuma responsabilisar-se pelas palavras que profere, e se a espada que cinge não é apenas para florear nas salas, diga-me onde poderei encontral-o.

RODRIGO, fria e desdenhosamente.

Não costumo bater-me com os parentes dos meus laçaios.

LUIZ, avançando para elle ameaçador, e com os dentes cerrados.

Já esperava essa desculpa da covardia; já esperava que se escondesse cheio de medo detraz dos seus antepassados, que se envergonham no tumulto de terem descendentes assim.

RODRIGO, friamente.

Bem! Se conta na sua familia uma geração de nobreza, uma só me basta para eu lhe acceitar o repto.

LUIZ, aproximando-se d'elle ainda mais.

Não eonto; mas os villões como eu costumam sellar assim os seus pergaminhos (*vai para lhe dar uma bofetada.*)

RODRIGO, segurando-lhe no pulso.

Alto... E' contra a etiqueta... (*com dignidade, e largando-lhe o braço.*) Estou ás suas ordens.

LUIZ, respirando como se conseguira o que mais que tudo ambicionava.

Emfim! (*Cáe o panno.*)

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO QUINTO.

O mesmo scenario que no primeiro acto.

SCENA I.

LEONARDO, JOSÉ FELIX E MARIQUINHAS.

Ao levantar do panno, Leonardo está sentado junto da mesa da direita com a cabeça encostada á mão. José Felix e Mariquinhas entram em scena pela porta lateral da esquerda. Mariquinhas é quem vem atraz; antes de fechar a porta, espreita para fóra com attenção, depois fecha-a com toda a cautella para evitar fazer bulha. Durante a scena toda occupa-se de trabalhos domesticos ao fundo á esquerda, voltando de quando em quando a escutar á porta por onde entrou. Jose Felix vai a atravessar o palco para sair. Leonardo levanta-se e vem inquieto ao seu encontro.

LEONARDO, em voz baixa.

Então ha esperanças?

JOSÉ FELIX.

Tudo é possível, sô Leonardo. O doutor tem sérios receios, mas emfim, como elle mesmo diz, *Deus super omnia*, isto é, Deus é que lhe sopra.

LEONARDO, inquieto.

Ah! o doutor receia?

JOSÉ FELIX.

Ora bem vê, o caso é muito grave. Mas emfim a mo-

cidade! a mocidade! Grande cousa é ser rapaz, amigo Leonardo.

LEONARDO, impaciente.

— Grande cousa! grande cousa! Antes ser velho que ao menos tem a gente a cabeça no seu lugar. Elle como ficou?

JOSÉ FELIX.

A dormir. Aquillo é que faz bem. Uma hora de somno vale mais que vinte boticas. O doutor o que recomenda é repouso e immobildade completa. O menor movimento pôde-lhe ser muito fatal.

LEONARDO.

Para que eu estava guardado! Ter um sobrinho espadachim! E ir-se logo bater com um fidalgo!

JOSÉ FELIX.

Foi atrevimento, foi!

LEONARDO, commovido.

Se foi atrevimento!... Porque então o pobre rapaz nem sabe pegar n'uma espada! Valha-me Deus. (*Vendo que Mariquinhas se aproxima*). Passe muito bem, sô José Felix.

JOSÉ FELIX.

Até logo, sô Leonardo. Eu vou jantar e não me demoro, mas, se antes d'isso fôr necessario, não tem mais que mandar-me chamar.

LEONARDO, apertando-lhe a mão.

Obrigado, obrigado, sô José Felix. (*José Felix sáe pelo fundo*).

SCENA II.

LEONARDO E MARIQUINHAS.

LEONARDO, vendo Mariquinhas approximar-se do quarto do doente.

E tu sempre cuidadosa, sempre velando por esse in-

grato... Não t'ò merecia elle, não t'ò merecia que t'ò digo eu.

MARIQUINHAS, procurando fazel-o calar.

Meu pae...

LEONARDO, exaltando-se.

Hei-de dizel-o e redizel-o... Ah! quando o trouxeram para nossa casa em braços, quando nos disseram que o ferira o primo da fidalga, e tu logo advinhaste que fôra por causa d'ella que o teu noivo se batera, ao ver-te descorar de repente, julguei que me morrias. Tiveste ainda força para viver, para te sacrificares, porque o sacrificio é o teu gosto, nunca pensas em ti. Sem proferires uma queixa, sentaste-te á sua cabeceira, e não desamparaste mais. É elle como te paga? Chamando por Leonor quando o delirio o accommette, e quasi nem dando pela tua presença nos seus intervallos de razão.

MARIQUINHAS, procurando acalmal-o.

Oh! cale-se meu pae!

LEONARDO, sem a attender.

E o que tem comtudo a Morgadinha para o enlouquecer assim?... Porque te despreza esse doudo? Não és formosa, não és meiga, não és boa?

MARIQUINHAS.

Silencio por amor de Deus...

LEONARDO, levantando a voz irritado.

Silencio, porque?... Não quero... Hei-de repetir que é um ingrato.

MARIQUINHAS, torcendo os braços com desespero.

Mas é que póde acordal-o.

LEONARDO, mirando-a com pasmo e admiração, e com os olhos rasos de lagrimas.

Olha, tu o que és, és uma santa (*limpando os olhos*)

com as costas da mão) Vou-me embora, senão estalo. (*Sáe arrebatadamente pela direita*).

SCENA III.

MARIQUINHAS, só.

Segue um momento com os olhos Leonardo, depois suspira e diz com tristeza.

Santa! santa não sou, se o fosse não padecia tanto. (*Olhando para o quarto de Luiz*) Mas elle é um ingrato, é que me perturbou cruelmente o coração, e passou des-cuidoso voando a novos amores sem pensar mais na desgraçada que deixava. (*Depois de um momento de reflexão*) Um ingrato! E sou eu que o accuso, eu que fui o obstaculo que me ergui entre Luiz e a felicidade que elle sonhára! Se eu não existisse, não teria tudo isto um fim tão triste! Que vim fazer a este mundo? (*Pensativa*) A Morgadinha! E eu que nunca pensei em ter ciumes d'ella! Nunca! Parecia-me tão impossivel como ter zelos da rainha! Pobre Luiz! Não teve culpa! Dictam-se por acaso as leis ao coração? Bem o sinto agora que procuro subjugar o meu, e elle sempre a revoltar-se! Ah! que infeliz eu sou! (*Esconde com as mãos o rosto banhado de lagrimas*).

SCENA IV.

MARIQUINHAS E LEONOR.

MARIQUINHAS, volta-se ao sentir abrir a porta do fundo, e ao vêr a Morgadinha recúa com espanto e quasi com terror.

A Sra. Morgadinha!

LEONOR, vem pallida, com as feições demudadas, vestindo simplesmente e um tanto em desordem como quem saía á pressa desvairada. Com voz sacudida e febril.

Onde está elle?... Dize-me onde elle está?... Eu quero vê-lo.

MARIQUINHAS, trémula, e collocando-se instinctivamente diante da porta do quarto de Luiz.

Elle... quem, minha senhora?

LEONOR.

Elle... elle... Está alli... deixa-me passar... Está ferido? Bateu-se? Por minha causa? Oh! não o negues que eu ouvi tudo... julgavam-me a dormir... e eu sahi... como sahi eu? nem sei. O vento gemia com tristeza, e eu voava por esses caminhos, a vê-lo sempre sanguinolento... morto. (*Com um grito*) Oh! dize-me que não morreu.

MARIQUINHAS.

Não morreu, não, minha senhora!

LEONOR.

Oh! se tu soubesses como eu o amo... Bem vêes que não me pôdes fazer esperar mais tempo... Deixa-me passar... Não te disse já que o amava?

MARIQUINHAS, collocando-se resolutamente diante da porta e endireitando-se com certa energia.

Ah! é muito! Também eu, minha senhora, também eu o amo!

LEONOR, tomando-lhe as mãos e encarando-a longamente.

Tu!... (*largando-lhe as mãos de subito, com uma inflexão desdenhosa e amarga*) Criança, sabes lá o que é o amor! Lago que a brisa encrespa, e que já se julga oceano! (*Tomando-lhe de novo as mãos*) Amas? Deixa-me vêr os teus olhos, incende-os a febre por acaso? Amas? deixa-me vêr o teu rosto; devasta-o a pallidez funèrea? Sabes o que são as longas insomnias, as noutes sem repouso, os dias sem distracção? Sabes o que é esquecer uma mulher, orgulho, familia, crenças, tradições para toda se entregar a um pensamento que a perségue? para não seguir na terra outro rumo que não seja o que lhe marca essa estrella fatal? (*Passando-lhe a mão pela testa*) Tens a fronte lisa, o rosto sereno... por onde passou a tempestade? (*com meiga tristeza*) Olha bem para mim! Não me co-

nheces? Sou a Morgadinha, sou, mas então, que queres? Amei, foi o destino... (*Desviando-a impetuosamente de si com uma das mãos, enquanto affasta o rosto para o outro lado*) Oh! não ames nunca, criança... Deixa-me passar, quero vê-lo.

MARIQUINHAS, desviando-se com o rosto banhado de lagrimas, como quem cede a uma influencia omnipotente, e estendendo para Leonor os braços supplicantes.

Olhe que vai matal-o!

LEONOR, voltando a cabeça com impeto.

Que importa? Cuidas que não morro tambem?

SCENA V.

OS MESMOS E LUIZ.

LUIZ, apparecendo á porta do quarto pallido e vacillante, fallando a muito custo, e amparando-se aos humbraes.

Ouvi a sua voz. Onde está ella?

MARIQUINHAS, solta um grito dilacerante ao vêr Luiz,

Oh! desgraçado que quer morrer.

LEONOR, correndo a elle n'um impeto.

Quem falla aqui em morrer? Luiz, sou eu! Não me vêes, não me ouves? E' a minha voz que te chama. Ah! como estás pallido. Ingrato, fugias-me ainda. Eu não quero que tu morras, entendes? ou não quero ao menos que morras sem mim.

LUIZ, com uma expressão de immenso jubilo.

Tu aqui! Ah! Deus é bom que me enviou um raio de sol para dourar a minha ultima hora... (*Para Mariquinhas*) Mariquinhas, minha dôce irmã, perdôa-me! (*Para Leonor*) Na tua existencia luminosa, anjo do céo, que longa sombra projectou o meu vulto! Agora que vou

desaparecer na campa, Deus queira que volte cedo para ti a serenidade e a luz.

LEONOR, sombria.

Morre pois já que tanto o desejas! Mas o laço, que prendeu as nossas duas existencias, nem tu podes, nem eu quero partil-o. Ha tumulos para os vivos. Logo que o destino o ordena, seja para ti a sepultura e para mim o mosteiro o sombrio desenlace d'este fatal amor.

LUIZ, quasi com alegria.

Tu?... Ah! que fiz eu para ser amado assim? Mas ao pensar na ventura que abandono, tenho saudades da vida...

LEONOR, agarrando-lhe nas mãos com impeto.

Oh! cessa, por Deus, esse odioso motejo. Dize-me que me illudes, que tudo isto é um sonho, que te sorri a existencia. *Vendo-o oscillar empallidecendo*) Ah! padeces! descóras! *(soltando um grito)* Luiz!

MARIQUINHAS, que chorava em silencio e affastada.

Ampare-o que elle morre! *(Luiz conseguiu approximar-se de uma cadeira, em que se deixa cahir sentado)*.

LUIZ, com voz desfallecida.

Não é nada... Isto passou... Ar, dêem-me ar. *(Mariquinhas corre a abrir a janella)*.

MARIQUINHAS, voltando a Luiz.

Chama-se o doutor, sim, Luiz? *(Luiz faz-lhe com a cabeça um signal affirmativo, Mariquinhas sáe pela direita)*.

SCENA VI.

LUIZ E LEONOR.

LEONOR, supplicante, ajoelhando junto de Luiz e tomando-lhe a mão.

Mas ainda te luz uma esperanza, não é verdade, Luiz?

LUIZ, inclinando-se para ella.

Meu dôce amor, que ventura me restava na terra, maior do que a que sinto n'este momento? Quando te ouvi a voz, disse comigo: E' Deus que m'a envia para eu morrer junto d'ella, como o cão fiel ao pé do dono... (*Vendo-a chorar com o rosto escondido nas mãos*) Tu choras, Leonor? Oh! lagrimas bemditas, foi esse orvalho santo que eu vim aqui buscar... (*Uma voz entõa ao longe a ballada do terceiro acto*). Ouves? E' o nosso cantico nupcial que ao longe murmuram as auras... Santa melodia, brotaste sempre para mim nas horas da ventura!...

UMA VOZ, ao longe.

As almas dos dous amantes
alli se estão a abraçar,
tanto se amaram na terra
não as quiz Deus apartar.

LUIZ.

« Não as quiz Deus apartar. » Se fosse verdade se o povo tivesse mais razão do que os vãos philosophos. Oh! duvida maldita que ainda me persegues n'este supremo instante... (*para Leonor com impêto*) Senão torno a vêr-te mais, nem na terra nem no céo... Que horrivel pensamento!... (*tomando-lhe as mãos*) Leonor, dá-me as tuas crenças, senão queres que eu morra desesperado e blasphemô.

LEONOR, reprimindo o pranto com um supremo esforço, descobrindo o rosto, e fallando com elevação e grandeza. O rythmo da ballada continúa melancholico até ao fim do acto.

Vôa, alma immortal, nas azas da fé ao regaço do Omnipotente. Não crês? Mas esse instincto sublime que se chama dever e a que sacrificaste a vida o que é senão o presentimento do céo? No céo é que floresce a rosa, que tem na terra os espinhos. O que é o sonho senão a visão de um mundo desconhecido? e este sonho da vida eterna, que tem sempre acalentado a humanidade, o que é, o que pôde ser senão a visão do Paraiso?

LUIZ, escutando-a com enlevo.

Embalado pela musica da tua voz, como é dôce adormecer no eterno somno! Falla ainda, oh! falla, faze-me sonhar o Emyreo.

LEONOR, affogada em lagrimas.

Ah! dize, o teu instincto não repelle a idéa da separação completa? E para os que vivem o que é a resignação senão um raio que nos aquece do sol da eternidade? D'onde vem essa voz ignota, que diz ao ouvido das mães que perderam os filhos: «Mães, o céu é o ninho das pombas que fugiram da terra?» D'onde vem essa luz serena que eu já vejo a illuminar-te a fronte? Ah! vò, andorinha errante, em procura da primavera, eu fico entre os gelos do inverno, mas bem cedo ó alma irmã da minha, bem cedo irei buscar-te! (*Não pôde continuar porque os soluços a suffocam, e esconde o rosto com as mãos. Ouve-se a musica da ballada gemer ao longe, acompanhando a voz que vae cantando, mas indistincta.*)

SCENA VII.

OS MESMOS, MARIQUINHAS E LEONARDO.

MARIQUINHAS.

Não tarda o medico. *Vendo a rapida mudança das feições de Luiz, e correndo a elle*) Oh! Deus do céu.

LEONARDO, correndo tambem a elle, e mal podendo fallar porque a voz lh'a embarga o pranto.

O que é isso, o que é isso Luiz?

LUIZ, fallando a muito custo e olhando para Mariquinhas com reconhecimento.

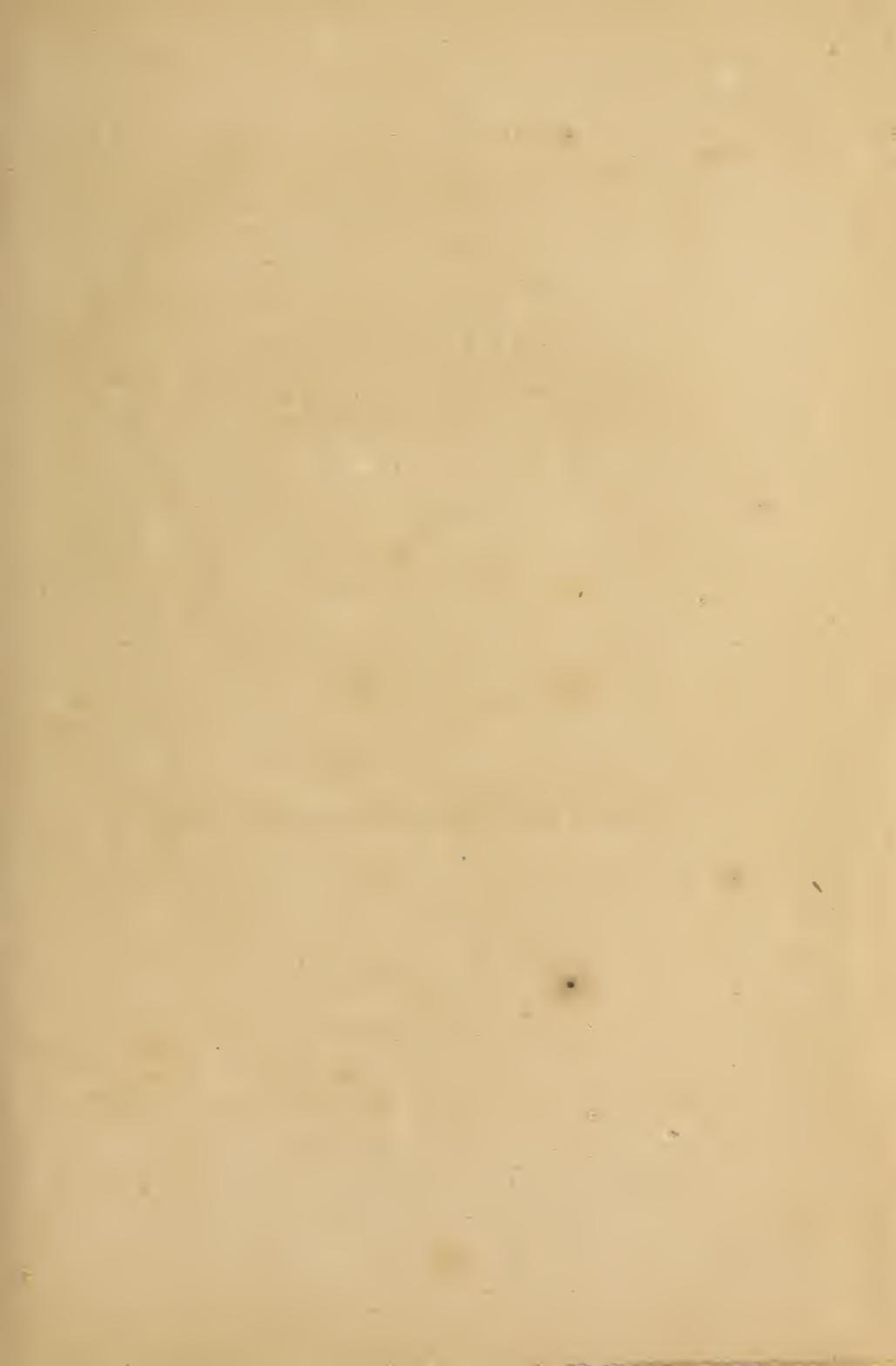
A tua ausencia... percebo... és boa. (*Aperta a mão a Leonardo sem poder fallar. Fazendo um esforço supremo e dirigindo-se á Mariquinhas*) Anjo do sacrificio, reza a Deus por mim. (*Para Leonor*) Leonor... separou-nos o mundo... e a sua lei mentida... unir-nos-hemos no

céo... mas sinto que se aproxima o tempo... em que as almas irmãs se poderão enlaçar na terra, á luz do sol que desponta, e que se chama... liberdade... Ah! (*Deixa cair a cabeça desfallecida, Mariquinhas, debulhada em pranto, ajoelhou do outro lado da cadeira. Leonardo desvia o rosto para esconder as lagrimas.*)

LEONOR, que tem a mão de Luiz nas suas, erguendo-se desvairada.

Luiz! Luiz! não me ouves? (*pondo-lhe a mão no coração, e deitando-se para traz com um grito de supremo desespero*)
Morto! Morto! meu Deus! (*A orchestra repete com mais força á musica da ballada. Cae o panno.*)

FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO.



LEMy'33

- 21 *Gophnae* — 2
- 22 *Quadrucolor* — 3
- 23 *Francis* — 4 — 7
- 24 *Fluviatilis* — 1
- 25 *Leucogaster* — 1
- 26 *Apicalis* — 1
- 27 *Abillei* — 4
- 28 *Vireo digaster* — 1
- 29 *Riesperi* — 4 — 8
- 30 *Euphrasia Emma* — 4 — 8
- 31 *Felicis* — 2
- 32 *Guineae* — 1
- 33 *Abellei* — 7 — 11
- 34 *Albani* — 1
- 35 *Carpocarpus* — 1 — 1
- 36 *Concolor* — 2 — 3
- 37 *Vivida, albans* — 3
- 38 *Bonguensis* — 1
- 39 *Deridley* — 4 — 5
- 40 *Flammula* — 2
- 41 *Bicolor* — 1
- 42 *Albans* — 1
- 43 *Triglyphula* — 2 — 3
- 44 *Wilsoni* — 2
- 45 *Flabellifer* — 4 — 9
- 46 *Arvensis* — 1
- 47 *Lurida* — 1

À VENDA NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO.

Pinheiro Chagas — Tristeza á beira-mar, 2\$500. Poema da mocidade, 3\$. A flôr secca, 2\$500. A côrte de D. João V, 3\$. Ensaios criticos, 3\$. Novos ensaios criticos, 3\$. A Judia, drama, 2\$. Portuguezes illustres, 2\$. A virgem Guaraciaba, 3\$. Contos e discipções, 1\$600.

Dr. Macedo — Remissão de peccados, comedia, 2\$. As victimas algozes, 2 vol., 5\$. A moreninha, 3\$. O moço louro, 4\$500. Os dous amores, 4\$500. Rosa, 4\$500. Vicentina, 5\$. Culto do dever, 3\$. Romances da semana, 3\$. Nebulosa, 3\$500. Theatre, em 3 vol., 9\$. Passeio pela cidade do Rio de Janeiro, 2 vol. com estampas, 8\$.

B. Rodrigues — Contos nocturnos, 3\$. O livro de Orlina, 2\$.

Tavares Bastos — Cartas do Solitario, 2.^a edição augmentada, 3\$.

Memem de Mello — A constituinte perante a historia, 1\$500.

Lamartine — Historia dos Girondinos, 6\$. Raphael, 3\$500. Antonietta, 1\$. Graziella, 1\$500.

Roche — Isbala, romance, 2\$.

Freitas Vasconcellos — Um mulher honesta, scenas dos nossos dias, 1 vol. 2\$000.

Castello de Paiva — Últimos fins do homem, 2 grossos volumes, 5\$.

Julio Diniz — As apprehensões de uma mãe e Uma flôr d'entre o gelo, 2\$. Os novellos da tia Phionela e as Impressões do campo, 2\$. A morgadinha dos canaviaes, chronica da aldeia, 2 vol., 2\$500. As pupillas do Sr. Reitor, 2\$. Uma familia inkeza, 3\$000.

C. de Abreu — Primaveras, 3\$.

Teixeira e Sousa — Tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuita, 3 vol., 2.^a edição. 6\$.

Zaluar — Contos da roça, 2\$.

Ponson du Terrail — O Rocambole ou dramas de Paris: 1.^a parte, A herança mysteriosa, 4\$. 2.^a Valetes de copas, 5\$. 3.^a Proezas de Rocambole, 5\$. 4.^a Baccará, 2\$. 5.^a Cavalheiros do luar, 3\$. 6.^a Testamento do grao do Sal, 3\$. 7.^a Resurreição de Rocambole, 4 vol., 9\$. Os filhos de Judas, 2 vol., 4\$. A mocidade de Henrique IV, 8 vol., 12\$. O Rei dos Ciganos, 3 vol., 5\$.

A. Dumas — Jorge ou o capitão dos piratas, 3\$.

Corrêa Junior — Impressões de viagem da côrte á fazenda de Santa Fé, 1\$500.

Ramos Figueira — Anfores de um voluntario, 2\$.

J. Cezar Machado — Quadros do campo e da cidade, 2\$500.

Rebello da Silva — Varões illustres das tres épocas, com retratos, 4\$.

Castilho — Almanaks de lembranças de 1851 até 1871.

Junius — As mulheres perdidas, 3 vol. Os libertinos e tartufos, 2 romances e typos.

Ramos Neves — Homenagem a s herões brasileiros na guerra contra Paraguay, com retratos, 5\$.

Junqueira Freire — Inspirações do claustro, poesias, 2.^a edição, augmentada.

Memorias de um charuto, 1\$.

Amanda e Oscar, 4\$.

José do Telhado, drama, 1\$500.

... familia do Jesuita, 2\$.

Historia de D. Quixote, 6\$.

O libello do povo, 1\$500.

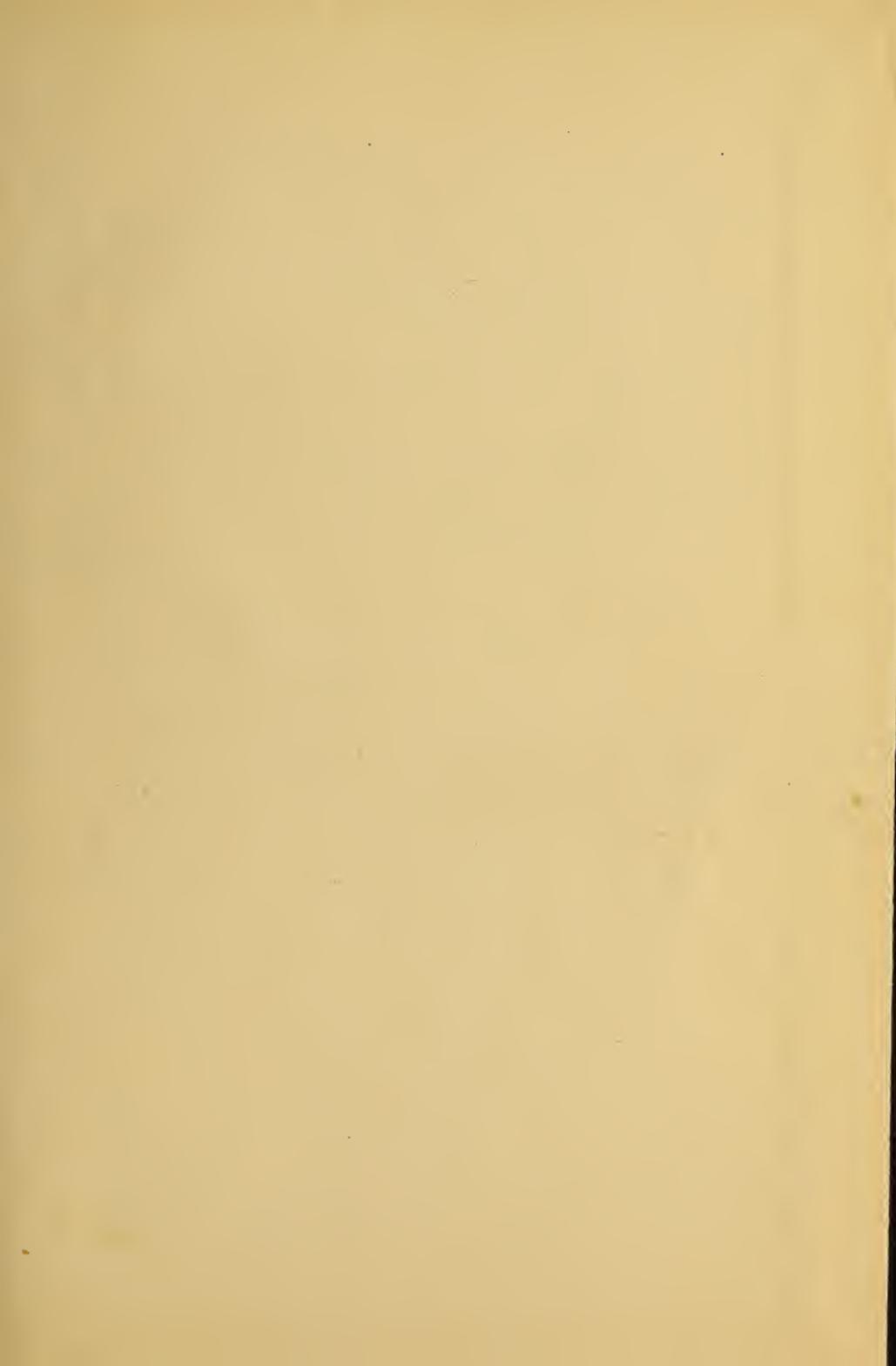
Mysterios do Porto, 2 vols., 3\$500.

Canções populares do archipelago Açorense, 3\$.

61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

101

102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120



LIBRARY OF CONGRESS



0 027 250 913 A